



UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

ARTES CÊNICAS – DIREÇÃO TEATRAL

Cuidado, Espelho.

Uma exposição de pessoas.

Marianna Martini Mugnaini

Rio de Janeiro/RJ 2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

ARTES CÊNICAS – DIREÇÃO TEATRAL

Cuidado, Espelho.  
Uma exposição de pessoas.

*Memorial do processo de criação do espetáculo “Cuidado, Espelho.”.  
Trabalho de conclusão de curso pela disciplina  
Projeto Experimental em Teatro do curso de bacharelado em Artes Cênicas,  
com habilitação em Direção Teatral da Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

Orientadoras: Lívia Flores Lopes e Gabriela Lírio  
Aluna-diretora: Marianna Mugnaini  
DRE. 111018025

Mugnaini, Marianna Martini

Cuidado, Espelho. Uma exposição de pessoas. – Criação coletiva a partir de pesquisas e materiais autobiográfico sobre a autoimagem/Marianna Martini Mugnaini – Rio de Janeiro, UFRJ/ECO, 2018. Número de folhas: 82 f.

Orientação: Lívia Flores Lopes

Memorial (graduação em Artes Cênicas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2018. Bibliografia: f. 81

1. Cuidado Espelho. 2. Autoimagem. 3. Autoestima. 4. Linguagens Híbridas.

I. Lívia Flores Lopes (orientadora) II. ECO/UFRJ III. Direção Teatral IV. Peça teatral

## **Agradecimentos**

Agradeço em primeiro lugar, ao pai eterno e à nossa mãe santíssima, que regem toda a eternidade. Aos princípios da criação que se manifestam através de mim e que fazem da minha vida uma eterna maravilha. A todos os seres divinos que me acompanham nessa jornada de superação e de expressão. À toda força, nutrição e abundância que minha mãe terra me dá para continuar seguindo em frente. Aos orixás sagrados, em especial minha Mamãe Oxum. À toda luz que vem da floresta, das plantas, dos animais, da natureza divina. Agradeço à minha família, em especial minha irmã Marcella, por me acompanhar em mais essa jornada. À minha mãe e ao meu pai por me trazerem à luz e me darem esse corpo, que me proporciona todas essas experiências. Aos meus amigos, em especial Marília Gurgel e Davi Palmeira, por tornarem a passagem por essa faculdade mais divertida, harmoniosa e cheia de coragem. A todos as minhas mestras e meus mestres de Direção Teatral, por compartilharem tantos conhecimentos, com muita paciência sempre. A todos os funcionários desta faculdade e aos estudantes também, que dão vida, movimento e energia para que tudo isso aconteça. A todos que vieram antes de mim e aos que virão depois. Mitakuye Oyasin.

**Resumo**

Esse memorial é o registro dos meses de processo da construção do espetáculo Cuidado, Espelho. Uma exposição de pessoas. O espetáculo parte do mote da autoimagem como ponto inicial da pesquisa. O processo é experimental e pretende pesquisar mecanismos de autodescoberta e desenvolvimento da propriocepção como base para a construção de materiais que possam ser apresentados artisticamente. Reunindo materiais diversos de pesquisas sobre autoimagem, autoestima e relatos biográficos dos e das artistas. É também um registro sobre a relação com o trabalho criativo e seus desafios.

**Palavras-chave:** Espelho, Autoimagem, Autoestima, Criação.

**Abstract**

This memorial is a record of all the months in the creation and production process from the spectacle Cuidado, Espelho. A people exhibition. The spectacle begins searching about self image. The experimental process intend to search about mecanisms of self discover and development of our own notion of ourselves, as a base to the construction of the materials that may be presented in na artistic context. Gathering diversses materials about self image, self esteem and biographical reports of the artists. It's also a record about the relation with the creative work and your challenges.

**Key words:** Mirror, Self Image, Self Esteem, Creation.

## Índice

Contexto -----	8
O tema em si-----	12
O projeto começou-----	16
A equipe -----	17
Ensaaios -----	18
a. 1º mês - CONEXÃO Julho -----	18
b. 2º mês - MATERIAIS DE )des( CONSTRUÇÃO Agosto -----	23
c. 3º mês - (em) CORPORANDO Setembro-----	30
d. 4º mês - CONSTRUÇÃO )des( CONSTRUÇÃO Outubro-----	34
e. 5º mês - JOGO CÊNICO - somostodospersonagens Novembro -----	37
Artistas convidados e Montagem da exposição -----	40
Manifestos-----	43
a. Sobre a RESISTÊNCIA-----	43
b. Sobre COMUNICAR - AMAR -----	44
Anexos -----	44
a. Anexo 1 – Comecei a ensaiar outra vez – Mari Mugnaini -----	44
b. Anexo 2 - Apresentação REVER em Cuidado Espelho -----	45

c. Anexo 3 - Manifesto Rever - Mari Mugnaini-----	46
d. Anexo 4 - Escrita em Gesso - Davi Palmeira -----	47
e. Anexo 5 - Texto Adriana Bellonga -----	58
f. Anexo 6 - Texto Camila Scorcelli -----	65
g. Anexo 7 - Texto Davi Palmeira - A LEI - André Sant'anna-----	71
h. Anexo 8 - Texto Cuidado Espelho-----	76
Conclusão -----	80
Ficha Técnica -----	81
Referências Bibliográficas -----	81

## Contexto

Bastante intrigante o quanto é difícil para mim começar a escrever esse memorial. Esse texto com certeza conterà as minhas memórias sobre o processo de concepção, direção e curadoria do projeto *Cuidado, Espelho. Uma exposição de pessoas*.

Não consegui manter meu planejamento e objetivo inicial de ir escrevendo minhas memórias ao longo do processo, minha sorte é que meu caderno de direção é recheado de anotações, insights, desenhos, referências de tudo que vivemos até aqui. Inicialmente o meu texto pode soar um tanto quanto menos acadêmico e mais reflexivo mesmo, por que é assim que me sinto. Tampouco consegui manter o prazo de entrega e cai num buraco de resistência para finalizar esse material. Buraco da onde saio hoje, mais forte, mais madura e renovada. E esse texto vai ser perpassado por essas experiências, não só práticas e teóricas do campo do fazer a cena, mas do campo do fazer criativo, da inovação, pois este projeto é muito sobre isso também. **Escrever** essas memórias é fazer uma reflexão, pegar muitos espelhos e colocar na minha frente, para pensar sobre minha proposta e minha formação. É justamente o que eu quero.

Cuidado Espelho surge de um desejo profundo de ressignificar a minha relação com as artes e o teatro, dentro da minha produção de pensamento e estética. O que mais me movia naquele momento, era uma necessidade de criar algo que emocionasse. Que transformasse as pessoas. Que trouxesse temas profundos. Não no sentido de controlar a experiência do espectador, porque isso sabemos que é falso, mas no sentido de aprofundar a experiência. Isso porque na minha experiência pessoal, eu estava, naquele momento que precedia o início deste processo, completamente desconectada do poder de afetação que a arte do teatro tem. Esta necessidade era intensificada principalmente pela relação que eu tinha naquele momento com a produção teatral do Rio de Janeiro. Estava num momento descrente e incomodada. Só conseguia enxergar produções comerciais, sem vida, sem arte. Não que o teatro do Rio de Janeiro se reduza à isso, era apenas a maior referência que eu tinha na época. Tanto de peças, quanto em relação à minha formação em interpretação na Martins Penna, escola de atores que explora a leitura brasileira do método Stanislavski e que realiza majoritariamente montagens com um tom realista. E também o contato que eu tinha com outras escolas de teatro, que seguiam a mesma linha. Uma questão que este universo do teatro realista me trazia era



de que eu achava muito estranho que continuássemos a fazer um teatro realista, no sentido mais estrito desta estética, com uso da quarta parede, cenário e figurinos realistas, num palco italiano. Eu sentia que isto estava muito desconectado do potencial de afetação que a arte da cena possui. Inclusive, porque esse tipo de encenação, na minha opinião, funciona muito mais do suporte cinematográfico do que teatral. Mas de qualquer forma, o realismo é um estilo, que eu tinha como referência e que já não me inspirava e me instigava a buscar encenar algo diferente, ainda sem saber o que e como. O que é muito interessante, é que esse tensionamento foi muito importante para meu processo criativo. O realismo era minha referência e minha base de formação e foi ele mesmo que me fez refletir, questionar e ir atrás de uma encenação inovadora de acordo com a minha experiência. Juntamos os sentimentos de decepção com o realismo e vontade de criar uma cena que tocasse questões profundas, eu segui buscando sobre o que em si que eu iria pesquisar.

No início do processo criativo e na delimitação do campo de pesquisa em que eu queria trabalhar, conversando com um amigo formado na mesma faculdade em que eu buscava formação eu o ouvi dizendo “Mas vamos combinar né, o teatro morreu.”. Ele parecia Zarathustra anunciando a morte de Deus. E de certa forma, em mim, sua fala teve o efeito da frase clássica de Nietzsche. Na hora eu não consegui responder direito, estávamos numa festa no centro do Rio de Janeiro, no grande caos energético das encruzilhadas do Rio antigo, acho até que respondi algo como “é, uhum...”. Trago essa passagem, porque foi algo que me afetou bastante e que tem total conexão com o meu trabalho. Por muito tempo eu fiquei vibrando nesta frase e sentido que de certa forma, sim, o teatro havia morrido. Já que eu mesma me questionava sobre a falta de vida em cena e sobre como aquilo não me afetava mais. Neste sentido, o teatro estava morto, pelo menos dentro de mim. E talvez no meu amigo também. Mas tudo que morre, renasce. Como tudo na vida. E era isso que eu queria, procurar a minha forma de fazê-lo renascer, em mim e na minha pesquisa.

Seguindo os ciclos da vida, comecei a avaliar a vida em si, olhar mais para o que me cercava, para esse mundo contemporâneo. Quais são as nossas questões? O que nos assola? O que nos move? Quem somos nós hoje? É surreal, mas se pensarmos em tempo cronológico, dizem que nunca se viu aqui neste planeta terra mudanças tão aceleradas. Tudo que se estabelece já não é mais dali a um segundo. E nesse sentido, eu sentia que muito do que eu aprendi e estudei durante esses 7 anos de faculdade e curso técnico de

interpretação já não davam mais conta de preencher o que eu queria dessa arte. Ainda bem que nesses 7 anos de faculdade também me estimularam a pensar, a questionar, a sentir. E eu fui atrás das minhas sensações, questionamentos e pensamentos, e foi assim que decidi buscar outra forma de criar uma peça. O bonito é perceber que a evolução do pensamento e da criação na humanidade, essa grande comunidade humana, ele é sempre em espiral. Não é sobre deixar tudo para trás e negar o passado, é sobre revisitá-lo a partir de novas perspectivas e experiências, que é o próprio processo de evolução. Para finalizar meu curso em direção, eu precisava desenvolver um projeto experimental em teatro. E era isso que eu queria, experimentar. Mais do que acertar. Mas foi e ainda é bem difícil assumir essa escolha.

Num primeiro momento, tudo que eu queria era que eu fosse capaz de criar as condições necessárias para produzir um momento de troca coletiva, algo inspirado no formato de um ritual, como estudei que o teatro era lá trás. Um acontecimento em que as pessoas se sentissem um pouco mais livres para serem o que quisessem. Um lugar em que a troca fosse possível.

Sincronicidades estão aí e ela chegam para dar pistas de quais caminhos devemos trilhar para descobrir aquilo que nossa alma precisa viver. É nisso que eu acredito e foi assim que comecei a desenvolver minha pesquisa. E é assim que quero seguir desenvolvendo a minha criatividade e a minha função nesse mundo. Foi assim que no início do ano, para um outro projeto da empresa em que eu trabalhava, eu revisei a produção teórica e artística de integrantes do neoconcretismo e alguns outros artistas contemporâneos que pesquisam o esgarçamento dos limites. Também voltei a estudar muita filosofia e antropologia e descobri aquilo que já sabia: O que mais me encanta pesquisar neste mundo são os seres humanos e seus sentimentos complexos, contraditórios e tão bonitos. Eu também pesquisei muito sobre a criação “autoral”, se é que isso existe. Somando estes estudos com a necessidade de achar um texto que trouxesse essas questões que me moviam, eu percebi que se eu não achava uma peça que dissesse aquilo que eu queria trazer para cena, talvez eu devesse criar esse “texto” ou essa “história”. E entendi que eu não precisava fazer nada com a intenção de ser genial, eu só precisava trazer para a cena aquilo no que o meu coração vibrava. E não só o meu. Se eram os humanos e a humanidade que eu queria pesquisar, era por eles que eu deveria começar.

Diante dessa perspectiva, revejo meus passos, juntos meus espelhos quebrados e constituo a narrativa da minha humanidade. Olho para frente, para trás e para todos os

lados para entender o que pulsava e de onde surgiram os sentimentos iniciais para este projeto. E posso afirmar que o processo não começou em 2017, o processo começou em 2011, quando eu entrei no curso de Direção Teatral e vim morar no Rio de Janeiro, em 2012. Mas o gatilho mesmo para a proposição de Cuidado Espelho, começou no final de 2016, quando eu concluía as matérias poéticas II e IV. Foi ali que achei que comecei a conectar e sentir um pouco mais a fundo com as pesquisas de Artaud e Kantor. Ali comecei a sentir que o que gostaria de experimentar em cena na minha formatura. Eu queria uma cena capaz de quebrar a noção social de espaço e tempo, para experimentar uma outra realidade, para poder entender e viver melhor essa daqui, do mundo cotidiano, material, social. E quando eu falo de quebrar o conceito de espaço-tempo, estou falando de alterar nossa percepção sobre esse conceito, sobre esquecer do meu smartphone, sobre não saber que horas são, sobre achar que se passaram muitas horas em poucos minutos e poucos minutos em muitas horas. Sobre me transportar mentalmente de uma sala de ensaio ou apresentação e conseguir tocar outros campos e lugares sensíveis.

Então, no final de 2016 eu comecei a investigar. Que tema seria capaz de me fazer ir ao teatro? Que tipo de experiência me reconectaria com essa arte? O que eu gostaria de viver como espectadora? Nesse momento eu já sabia que deveria ser uma experiência que revelasse algo que não costumamos dizer, daquelas dores comuns que a gente insiste em esconder e fingir que não existe, talvez até para sermos capazes de aguentar a vida que inventam para nós.

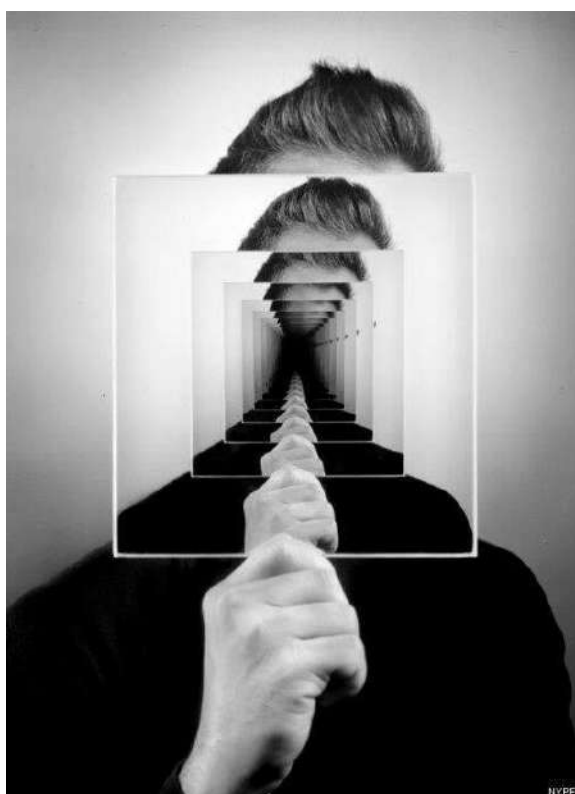
Foi então que eu comecei a olhar mais e mais dentro de mim e a ouvir o que eu estava escondendo. O que eu não queria mostrar. Quais eram as minhas dores? Talvez, se eu conseguisse notar que aquelas dores eram mais do que só minhas, talvez eu pudesse explorar algo que fizesse sentido para outras pessoas também...

E aí talvez eu pudesse propor uma experiência teatral, com o coletivo.

---

## O tema

Eu comecei a perceber que meu processo de construção da minha personalidade e de como eu me reconhecia, a concepção que eu tinha de mim mesma, foi um dos fatores mais importantes do meu amadurecimento e algo que aos poucos foi me ajudando a sair do estado depressivo e a encarar as minhas crenças limitadoras sobre mim mesma. Mas ainda sim, eu percebia e ainda percebo, que bem lá no fundo da minha consciência, tinha algo, um pensamento, uma voz, que me dizia coisas sobre mim que me paralisavam, simplesmente. Coisas depreciativas, sobre como eu não era bonita, interessante, inteligente, nem capaz o suficiente. Então era de uma forma simples, era de uma forma cruel e constante. E durante algum tempo essa foi a voz que comandou a minha percepção sobre mim e sobre as coisas que eu realizava. Durante muito tempo essa foi a voz que me impediu de colocar minhas ideias para fora e testá-las, que me impediu de compartilhar com outras pessoas aquilo que eu sentia e acreditava, que me impediu de criar. Só que agora eu estava a fim de criar. E como eu estava vibrando nesse lugar, mesmo sem saber, esse pensamento curioso e instigante não parava de me acompanhar. Quase como uma luz que brilhava lá no fundo da minha mente enorme e escura. Como se essa luz estivesse me dizendo: “Olha, não me esquece não. Eu incomodo, mas olha para mim. Olha aqui. Talvez aqui tenha algo.”. Fui olhar e quando eu olhei, escutei. E eu me assustei. Eu percebi uma coisa muito estranha. Eu percebi que



quando eu me olhava no espelho eu não me via da mesma forma que eu me via em uma imagem de vídeo. E eu achei que tinha alguma coisa de muito errado ali.

### **Como eu posso ver pessoas tão diferentes?**

E como eu posso ter julgamentos e sentimentos diferentes sobre essas duas pessoas?

Sendo que essas duas pessoas são projeções e apreensões imagéticas de mim.

### **E eu sou uma só.**

Como posso ser duas tão diferentes aos meus próprios olhos, já que são os mesmos olhos que veem as duas?

Logo eu comecei a perceber que era uma questão de interpretação.

Você vê aquilo que você quer ver.

No vídeo eu gostava do que via e no espelho não. Talvez porque a minha relação com o espelho já fosse bem mais antiga e, por isso, muito mais condicionada à antigos padrões de relacionamento de mim comigo mesma. Foi então que eu decidi fazer um teste. Ver quanto tempo eu conseguia ficar sem me olhar em espelhos e perceber como aquilo poderia alterar a minha percepção da minha própria imagem.

Eu fiquei 5 dias sem me olhar no espelho, sem me olhar na câmera frontal do celular, a famosa produtora de selfies. Passei 5 dias sem saber como eu estava parecendo. Eu cobri os espelhos da minha casa e tomei muito cuidado, evitando qualquer reflexo na rua. Cada vez que percebia meus olhos me procurando no menor reflexo possível, eu me repreendia e tratava de tirá-los dali. Eu tinha uma experiência para fazer e estava comprometida com ela.

Ao fim de 5 dias e muitos embates, eu pude perceber que quando eu me olhava no espelho eu condicionava o meu olhar à tudo aquilo que eu já tinha vivido e à tudo aquilo que eu achava que merecia ver, por mais cruel que eu fosse comigo mesma. Logo, era como se toda vez que eu me olhasse no espelho, eu colocasse uma lente que condicionava a minha imagem, negativamente. Uma lente que me fazia aumentar as imperfeições físicas, distorcer a imagem que aparecia na minha frente. E eu era cruel. Bastante cruel. Minha relação com os reflexos, os espelhos, as imagens e os julgamentos não é de hoje, e também não começou há um ano atrás somente. É um processo de toda uma vida, que acabou ganhando clareza nesse insight de criar essa peça exposição. Eu comecei a achar que ali, no meu olhar pra mim mesma, que ali que estava uma chave de mudança que eu queria pra minha vida. Mas, uma grande constatação assim não surge só de um insight, ela precisa ser vivida para se tornar madura. E aí sim, quem sabe, eu seja capaz de reprogramar os olhos que me olham no meu espelho.

Eu tive meu processo de start. Eu tinha um tema, eu queria pesquisar. Eu queria pesquisar sobre como nossa percepção sobre nós mesmos altera nossas relações. Com nossos espelhos, com nossa família, com nossos amigos, com nossos amores. Sobre como pode ser importante entendermos o processo de formação e construção de uma

imagem, para quem sabe, podermos operar com esse tipo de linguagem. E aí, sermos capaz de jogar e não ser jogadx nesse jogo de imagens que comanda a sociedade em que vivemos hoje. Porque quando aprendemos as regras do jogo, podemos escolher estar nesse jogo ou não. Ou jogá-lo com um objetivo e não ser simplesmente manipulado. O meu desejo mais profundo é investigar as manipulações, não para me ver livre delas, mas para poder me articular com elas. Para ser livre. E ter trocas mais profundas e reais com as pessoas, um pouco além da imagem. O meu objetivo maior de estudar a imagem, a minha e as das pessoas, é poder ir além dela.

Bom, eu tinha um tema, mas eu não tinha um texto. Eu não tinha umx dramaturgix para escrever o texto. Eu não queria ver uma peça. Eu sempre penso no meu processo de criação como espectadora. E eu estava cansada de peças que não me tocavam, peças que não acrescentavam, que apenas ilustravam situações usando atores como suporte para um texto. Eu estava muito cansada disso. Talvez eu estivesse indo aos lugares errados. Ou certos. Já que essa inquietação me fez buscar criar aquilo que eu queria ver. Eu queria um teatro ritual, um teatro de troca, de coletivo. Mas ao mesmo tempo eu queria que as pessoas se sentissem livres, para experimentar o que quisessem, para interagir como quisessem, para demorar o tempo que quisessem naquela experiência. E então, eu percebi que só me sentia assim, livre com a arte, quando eu ia à exposições de arte. Onde as obras e instalações estariam expostas e EU faria meu próprio percurso, eu dialogava com o que me tocava.

Eu queria um teatro diferente.

E para escrever esse projeto, eu fui atrás de inspiração em grandes exposições, eu fui a peças inovadoras e interativas, eu li sobre, eu ouvi falar, eu me internei 3 dias em Inhotim. Mas eu não procurei textos, não fui atrás de dramaturgxs, não sentia que era esse o caminho.



Narcissus Garden  
Yayoi Kusama  
Inhotim 2017



Instalação Interativa  
Yoko Ono  
Tomie Otake 2017

Algumas obras que me inspiraram.

Aos poucos, foi nascendo a minha pesquisa, minhas inquietações, e fui fazendo a conexão de tudo isso com aquilo que eu estudava há 7 anos e “tinha” que usar nesse projeto de formatura. Aos trancos e barrancos, bem trancos mesmo, eu fui escrevendo o meu projeto de encenação. Pelo simples motivo de que ele deveria ser um projeto de encenação e eu tinha um projeto de pesquisa de linguagem. E eu cheguei a me questionar se eu já não estava mais interessada no teatro. E não, isso não era verdade. Eu estava, eu queria entender, eu queria muito encenar tudo aquilo que eu estava pesquisando e descobrindo. E mais, durante todo o processo eu dividi meus questionamentos e inquietações sobre a imagem com outras pessoas, entrevistei pessoas sobre o assunto, para validar a relevância daquilo para outxs além de mim. E o resultado era sempre positivo, eu sempre via pessoas se emocionarem, ou se abrirem pra mim. Existia conexão. Sempre saímos tocados. Sinal de que aquilo era valioso para x outrx também. E eu também sabia que não estava inventando a pólvora, eu comecei a ler muito sobre o assunto, ver filmes, documentários. Tudo começou a se conectar. Mas, de qualquer forma, eu escrevi um projeto de encenação, o que foi muito bom, porque eu precisava começar de algum lugar.

---

### **O projeto começou.**

Com três atrizes e ator convidadxs.

Os escolhi pelo simples fato de que eu xs achava incríveis em cena. Suas energias algum dia tinha se misturado com a minha em algum processo espectadora-atriz, espectadora-ator. Todas as vezes que pude ver cada umx em cena, vi verdade passando por aqueles processos de atuação, potência que prendia meu olhar e me fez conectar como público.

A essa altura do texto eu já volto a ter resistência, pois é a parte em que começaria a revisitar o processo em si. Aí em cima eu já tinha me acostumado falar sobre, o texto começou a fluir e foi até bom lembrar como isso tudo começou. Mas agora eu me sinto um pouco travada. É um medo que eu sinto. Eu fico pensando que tudo isso que tenho escrito não faz sentido nenhum para academia, que eu estou fazendo o memorial errado. Mas é uma crise muito engraçada para uma faculdade de artes, não é? Eu me acho extremamente engraçada. Mas a questão é que uma faculdade ensina um ofício, uma técnica, mas também nos ensina a pensar, a questionar. E quando aprendemos isso nos tornamos verdadeiros monstros questionadores das postulações

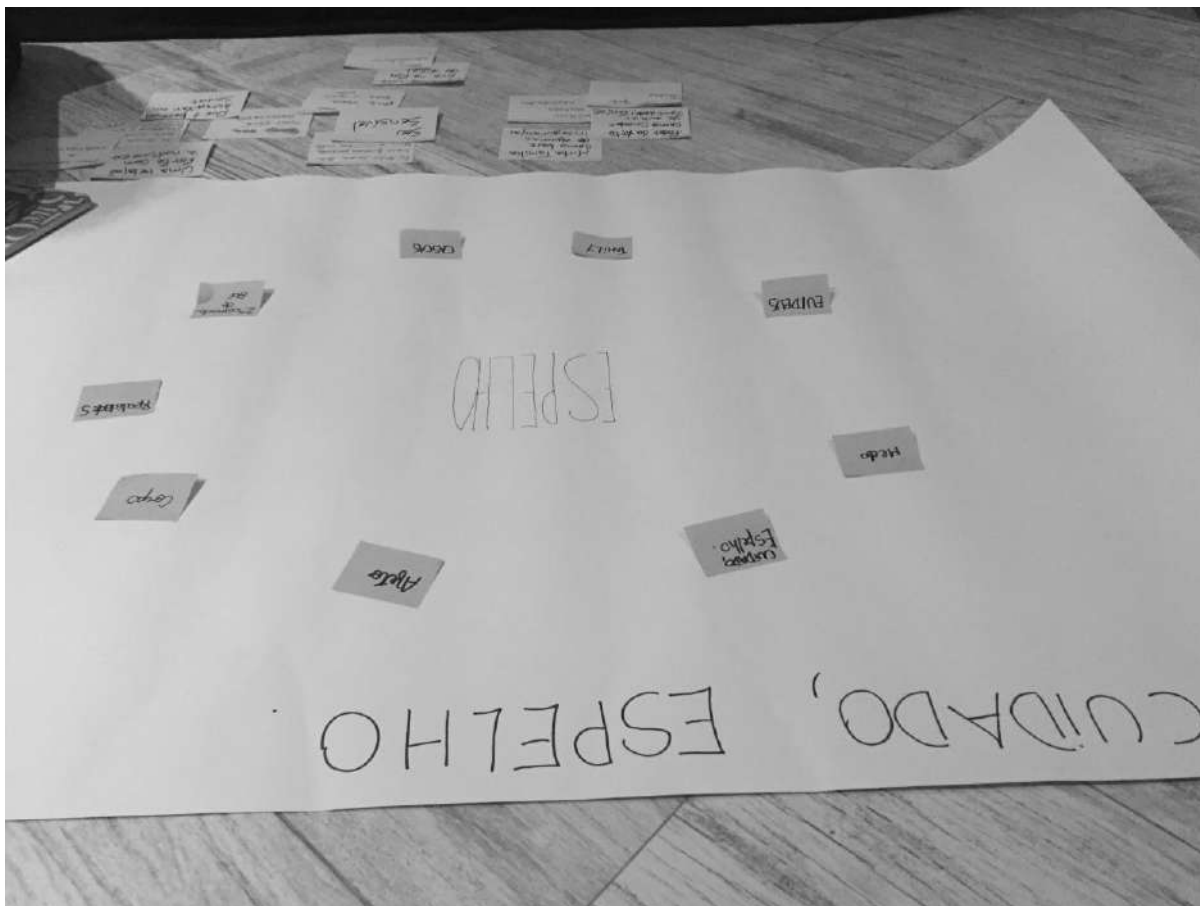


limitadoras e burocráticas da academia. Mas veja só, é uma questão sem solução, porque foi essa mesma academia que me formou e me fez questionadora, que me deu a possibilidade de desenvolver minhas próprias sinapses e caminhos, caminhos que não estão dentro dos padrões acadêmicos. Mas se analisarmos bem, foi a própria academia, com suas regras, que me deu estrutura de desenvolvimento para questionar a academia. É um loop sem fim. Como muitos que eu tenho encontrado. Esses que explicam a lógica não lógica caótica do universo. Não dá para saber onde começa e nem porque, mas dá pra entender claramente que um serve ao outro. A academia serve ao questionamento, o questionamento só nasce por causa da academia e o questionamento ajuda a desenvolver a academia. É infinito. Virtual. Assim como as imagens. Estou divagando porque é meu último trabalho nessa faculdade que muito me ensinou sobre criação e questionamento, um pouco até por uma via indireta, mas esses são os melhores ensinamentos que recebi.

---

### **A equipe.**

O **Davi** começou comigo em maio de 2017. Eu trouxe algumas ferramentas de design thinking para que a gente pudesse colocar nossas ideias e emoções para fora, organizá-las de forma visual e encontrar seus pontos de conexão, para começar a definir o tema do projeto. Por mais que não fôssemos ter textos, precisávamos de um fio condutor. A gente sempre precisa. A **Marília** começou a nos acompanhar em junho, onde voltamos com alguns frameworks de análise de projetos, só que dessa vez usamos as ferramentas para analisarmos a nós mesmxxs, enquanto projetos de pessoas. Eu sabia que em algum momento do processo ia ser importante olharmos para nós mesmxxs e nos analisarmos, então, começamos a treinar juntos.



Processo de facilitação - brainstorm

Convidei a **Camila** e a **Adriana** e nos primeiros encontros, fomos começando a nos conectar. Eu sentia que precisávamos criar um espaço seguro, de confiança entre todos nós. Um espaço de acolhimento, para que pudéssemos revirar os materiais mais internos e escondidos, que queríamos explorar.

---

### 1º mês - C O N E X Ã O - Julho.

#### A CERIMÔNIA DO CHÁ.

Foi nosso primeiro encontro com todos os participantes do início desse processo, nos encontramos no meu apartamento no flamengo. Lá, eu tinha preparado um ambiente de baixa luz, incenso, pedras e materiais para escrevermos. Coloquei cobertores e almofadas no chão, para dar a sensação de acolhimento que eu precisava que elxs sentissem. Eu precisava que elxs se sentissem acolhidos, porque segurxs nós não íamos estar. Investigar suas próprias questões te coloca num lugar desconfortável e inseguro.

Durante o processo, me veio uma imagem à cabeça sobre como eu conduzi essa pesquisa. Eu não forcei ninguém ir a lugar nenhum, eu não dei luz a questões que não queriam ser abordadas. Eu deixei que elxs me mostrassem algo e aí sim eu começava a puxar esse “fio” e, juntxs, íamos investigar algo ali. É quase como se eu ficasse de observadora, até ver uma centelha de verdade, que muitas vezes se mostrava através de algum incômodo. As pessoas têm mais dificuldades em mentir sobre o incômodo e normalmente é o momento em que elas mostram quem realmente são. Normalmente escondem aquilo do que tem vergonha. E tem vergonha daquilo que julgam ser ruim, imperfeito, menor, pior. E era justamente aí que queria entrar, mas com cuidado.

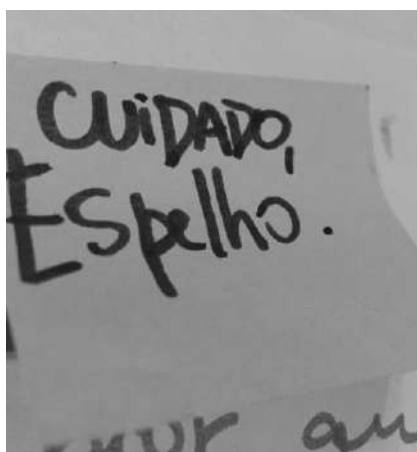
Eu acreditava que essas questões poderiam ser transformadas em material criativo, com alma e verdade. A imagem da qual falei ali em cima, que começa com esse “fio” imaginário sendo puxado é a seguinte: eu me via num túnel muito escuro, junto com a atriz ou o ator, e algum momento uma pequena luz aparecia. Eles relutavam um pouco em ver. E eu me levantava e oferecia ir de mãos dadas junto com elxs até aquela luz. Mas, tal qual o mito da caverna, depois de muito tempo vivendo na escuridão e acreditando nas sombras, é bem difícil encarar a luz. E para nós também era.

De certa forma, esse processo faz parte de um projeto pessoal meu de independência. Eu comecei a notar muitas pessoas potentes e criativas ao meu redor, mas que por não acreditarem em si, acabavam sendo engolidas por um emprego qualquer, uma relação qualquer, uma segurança qualquer. Eu queria tanto dar uma injeção de ânimo nessas pessoas. Então, eu notei que eu só percebia isso nos outros porque essa atitude estava em mim. E que se eu realmente quisesse inspirar alguém a buscar tua maior potência, eu deveria começar por mim. Então, me comprometi. Eu me exponho para que você possa se ver em mim. E foi assim que eu segui durante todo o processo de direção. Eu me colocava junto nos desafios, mostrava a minha vulnerabilidade e meu processo de me olhar no espelho e ver no mais fundo nos meus olhos, além da primeira camada, aquela que já estava condicionada à certos valores e crenças. Portanto, eu preparei esse primeiro ensaio e assim como nos outros que seguiam, eu só pedia para eles fazerem aquilo que eu estaria disposta a fazer, ou já estava fazendo. Eu precisava criar uma rede de apoio.

Chegamos. Sentamos. Tomamos chá. Fizemos um check in. Check in é um processo que aprendi nas facilitações que já participei, basicamente é: você faz uma pergunta geradora e cada um responde em poucos minutos, assim todos podem estar no

mesmo lugar, mais conectados com o presente, quando o ensaio começa. Funciona quase como uma equalização energética, através da fala. Normalmente falávamos como estávamos nos sentindo naquele momento. Nesse dia, pedi para dizermos como estávamos nos sentindo em forma de metáfora, como se fôssemos um clima. Uma parte da natureza. “Se um clima representasse seu estado interno agora, qual seria? ”. Fim de chuva, crepúsculo, dia ensolarado com ventinho gelado.... Tem sensações que não cabem em palavras, mas as imagens ajudam a complementar o sentido. Partimos. Peguei os post its e fiz uma dinâmica. Uma dinâmica de pacto. De início da materialização e concretização das ideias. É, é assim que eu acredito que os processos devem ser. Mas ainda aqui me julgo. É um pensamento que parece que vai permanecer numa boa parte desse memorial. Mas eu prefiro escrevê-lo e tornar o texto mais emocional e subjetivo ainda, mas expurgando isso de mim, como forma de honrar o meu processo criativo que venho desenvolvendo. Parece ridículo para mim, sim. Mas é nisso que eu acredito e é assim que vou seguir. Pois bem, nos post its, convidei todxs a escreverem tudo que estaríamos dispostos a dar para o processo. Coisas materiais, concretas, coisas subjetivas... O que fosse.

O que você traz para esse trabalho?



tempo - amor - medo - coragem - suor - lágrimas  
mar - corpo - voz - crenças - afeto - confiança

Foram algumas das muitas palavras que entraram no campo energético semântico subjetivo do nosso trabalho. Fizemos nosso pacto. Não estávamos segurxs, mas estávamos juntxs.

Seguimos.

Post its da cerimônia do chá

Os primeiros encontros foram para que toda a equipe se conhecesse, sempre trazendo referências e começando a observar um pouco mais de cada um. Falávamos muito de filosofia, metafísica, espiritualidade, criação e artes. Estudamos principalmente sobre Espinosa e Deleuze, sobre os conceitos de potência de ação e desejo. Fomos trazendo diversas referências de autorxs que tivessem abordado a questão do ser, do self, da imagem.

## Um convite.

Aqui e agora, proponho rever fazendo, procurando fazer desse ato de liberdade poética uma resistência ao que é estabelecido e imposto.

O desejo produz o real, desejar é produzir agenciamentos. É afetar e ser afetado.  
Como o desejo terminou por desejar sua própria escravidão?

A falta não é real, é produzida, é fabricada! Socialmente, psiquicamente, filosoficamente! Ela não é constitutiva do desejo, por mais que sintamos viver sob o signo da falta. A falta é fruto de mecanismos certos de captura, de poder e de  
dominação!

Querem nos fazer crer que o desejo é sinônimo de falta.

Nós também somos este fluxo material: átomos se juntando e se separando, formando moléculas que se sobrepõe, decompõe, justapõe. O movimento é sempre de expansão, sempre algo passando por cima de algo, sempre alguma coisa engolindo outra.  
Confuso?

O desejo não quer ser interpretado, ele quer criar, quer expandir-se.

Enquanto formos organizados por máquinas sociais, nossa produção se perderá indefinidamente ou estará diretamente ligada a meios externos que não nos convém. Primeira tarefa positiva da esquizoanálise: descobrir suas próprias máquinas desejanças. Não interpretar, mas experimentar! **Esta é a condição essencial para as produções se transformarem em intensidades.**

Produção a serviço da improdução. Só assim é possível passar de máquinas entorpecidas para máquinas revolucionárias.

As obras são tentativas de transformar em consciência aquilo que vivemos, num movimento operacional poético e mora, quando a experiência é plenamente vivida ela nos coloca no início do ato poético.

Minha vontade é que o nosso objeto seja o corpo humano e as pequenas interações já banalizadas. Para revelar a densidade viva e desnaturalizada do encontro entre os seres humanos.

É sempre uma arte dos encontros. Se o mundo é um mar de partículas em movimento, conhecer a si mesmo é aprender a nadar nas melhores correntezas. A onda é ruim para quem não sabe surfar. É este conhecimento do mundo que permite conhecer a nós mesmos: tornar-se um com o universo. Conhecer como o mundo age sobre nós é aprender como podemos agir sobre ele.

Vem?

\*Frases retiradas de diversos textos do [razaoinadequada.com](http://razaoinadequada.com)



Adriana e Camila, depois de um ensaio, em botafogo.

## NADA É TUDO

Então, demos mais um passo e eu pedi para eles começarem a levantar materiais que lhes interessassem pesquisar. Mas como era o início de um processo, era necessário que eu lhes ajudasse a puxar fios do acaso, que pudessem ser ligados por seus materiais, a uma narrativa que nos desse material embrionário para uma cena. Uma cena que se pretendia ser uma exposição de si. Eu sempre tive essa intuição muito forte, a nossa cena, o nosso teatro, era lugar de exposição. Algo diferente de autobiográfico, algo no

entre memórias-fabulação-cena. Considerando aqui como memória aquelas composições que criamos para nós mesmxxs, sobre algum acontecimento passado, quase como que se tentássemos apreender um pedaço de quem fomos. Fabulação como a história que se conta com, ou a partir, dessa memória. Cena como acontecimento no espaço-tempo presente.

O processo de cada um foi diferente. E eu sempre estimei as pesquisas através de materiais que dialogassem com a alma desses artistas, dispostos a lapidar uma parte de si mesmxxs para transformar em exposição-comunicação.

Adriana é uma atriz mais velha, com mais experiência e também mais vícios. Mas ela transborda escrita. Ela vaza pelos papéis e canetas. Muitas vezes a via nos nossos encontros anotando milhões de coisas em muitos papéis. Decidi que começaríamos por aí. Camila além de atriz é figurinista e artista plástica, trabalha como figurinista e deixa sua artista plástica embocada dentro de si, junto com a potente atriz que a habita. Começamos nossas investigações com as linguagens visuais. Davi é um ator dedicado a se pesquisar como Davi e como ator e faz de seus materiais humanos seu maior laboratório, sua arte reside na arte cênica. Mas suas fontes de estímulo e pesquisa são qualquer uma que ressoem em si mesmo. Com Davi, começamos pelos acasos e sincronicidades.

### **Adriana**

Num desses ensaios iniciais que tivemos, de definição de cenas, pedi a Adriana que me trouxesse escrito tudo que ela havia coletado até aquele momento. Que depois das semanas dos nossos encontros, que ela me trouxesse algo que me mostrasse o que ela tinha apreendido de tudo aquilo. Ela ficou feliz quando pedi que ela escrevesse suas opiniões, seus textos, romances, situações, filosofias ... Adriana queria escrever, ela só queria alguém que fosse capaz de lê-la. Enquanto nos encontrámos, cada dia mais as bolsas dos seus olhos estavam inchadas. A nós, não nos parecia nada demais. Sim, eram bolsas inchadas, como se ela tivesse chorado ou estivesse com alguma reação alérgica. Nada que a desfigurasse. Só que para ela, era como se, a partir do seu inchaço nos olhos, pudéssemos perceber uma suposta tristeza, que tinha saído em forma de intenso choro. Mas a verdade é que ela não tinha chorado. Adriana estava enfrentando umas alterações hormonais, que faziam o inchaço brotar e lhe dar aquele tom chorosa deprimida. O que incomodava de verdade, era o fato das pessoas começarem a lhe perguntar se ela estava triste, se ela havia chorado. A verdade é que sim, ela estava



triste. Mas já fazia alguns anos. Tudo que importava para ela, é que as pessoas não fossem capazes de ver o que se passava com ela. Que suas bolsas não a denunciasses como uma pessoa frágil. Ela nos disse que não queria ninguém invadindo seus olhos. Mas na verdade, seu corpo gritava por uma atenção, que ela sempre quis e ela mesma sempre se negou. Achando-se incapaz de ser amada, ela se escondeu como pôde, inclusive, de quem amava. Escondeu inclusive toda sua capacidade de transbordar amor e comunicação através das palavras dos livros que ela escreveu, mas nunca editou, publicou ou dividiu com alguém. Depois de muitos anos presa dentro de Adriana, sua tristeza veio morar embaixo dos seus olhos. E aquilo sim, era o material que eu precisava. As referências, o que ela trazia, nossos diálogos, eram apenas forma de criar pontes com essa relação mais pessoal que Adriana tinha da concepção de si e sua autoimagem.

### **Camila**

Camila é uma mulher extremamente visual. E assim é que ela se expressa no mundo. Seu dançar se dá mais com as imagens do que com as palavras em si. De tanto observar e tentar entender as formas, Camila se apegou a forma perfeita e jovem do seu rosto. O espelho remetia para ela, admiração de si mesma. Uma admiração que não se espalhava pelo corpo, que não passava a ser potência afetiva. Uma admiração que ficava só entre ela e o espelho, a imagem narcísica e não criava conexões para além disso. Ao ponto de não conseguir mantê-la quando se afastava do espelho. Foi isso que fez ela ir atrás de quadros de autorretrato, poemas sobre autorretrato, autorretratos de si mesma.

Camila começou a nos revelar, num ato de extrema coragem para ela, as contradições entre seu rosto angelical e alguns comportamentos não tão angelicais assim. Era quase como se fosse a forma dela afirmar que ela não era tão pura e bela como as características do rosto lhe atribuíam. Ela tinha uma questão entre ser muito mais do que alguém bonita, mas tinha muito medo de se descolar dessa imagem e descobrir que ela não era ninguém. Como se bonita fosse tudo que ela podia ser, porque era o que ela mais tinha ouvido na vida até agora. Camila não queria mais ser quem era, mas não admitia a ideia de abandonar uma identidade construída e aceita, segura. Insegura de si, apenas seu rosto lhe assegurava alguma coisa na sociedade. Mas ela precisava o tempo inteiro confirmar essa segurança social que seu rosto lhe garantia, por isso, seu escape, era o grande espelho de seu quarto. Uma artista que se prende ao belo, é uma artista

comprometida. Comprometida com regras e aceitações que habitam o campo das regulações consensuais. Regulações não nos bastam, enquanto artistas, porque a arte deve se articular com a organização caótica do universo. Fora das regulamentações. Onde dentro e fora são um só. E o conceito de belo não pode ser um só. Onde se faz necessário ir além do primeiro reflexo que vemos no espelho e que é tão mutável. Presa dentro de si, Camila acreditava que sua potência acabava no limite da sua derme, mais especificamente, no seu rosto. Ela era mesma, a carcereira de si, que cuidava para que ela não fosse para muito além de sua composição corpórea.

Materialista assumida e apegada às suas memórias, ela mantinha as lembranças físicas de tudo que lhe fosse possível. Papéis, cartas, tecidos, tudo que fosse possível ganhar significado, como forma de lembrar os afetos que por ali passaram. Que resvalaram naqueles objetos e os transformaram em pequenos pedaços materiais de memória. Que evocavam lembranças. Ainda que não fossem suas.

Nas suas pesquisas, ela se deparou, não por acaso, com mulheres de rostos desfigurados. Por mais que pelas minhas palavras possam ter passado alguns julgamentos de valor sobre a superficialidade do apego ao seu próprio rosto, Camila me interessava muito como artista. A questão do rosto era apenas um recorte dela. Apesar de toda superficialidade visível, ela é uma das atrizes mais potentes que eu já tinha conhecido em cena. E uma das almas mais rebeldes, criativas e sensíveis, só que presa dentro de si. E sua carcereira se apresentava na forma de uma senhora autocrítica. Sua autocrítica a destruía assim como o ácido destruiu e ainda vai destruir os rostos de milhares de mulheres, principalmente na Índia. Camila se guiou pelo desdobramento de suas pesquisas de autoconhecimento e artísticas, e elas acabaram culminando na mesma cultura, a Indu. Ela começou a se interessar muito pela ideia de desidentificação com seu próprio rosto. Pois, como ela mesma dizia, sempre desconfiou desde criança, que ela não era seu próprio rosto. Encontrou nas doutrinas espirituais Indu, essa possibilidade. De se libertar dos limites do seu rosto. E foi lá mesmo, na Índia, que encontrou milhares de exemplos de mulheres que tinham sido desfiguradas por um ataque de ácido sulfúrico. E o que mais conectou a atriz com essas mulheres, era o fato de que, depois dos ataques e da desfiguração, elas se libertaram da necessidade de serem bonitas para agradar e puderam encontrar sua máxima potência, na simplicidade de uma vida despida de uma cobrança estética regulada por um conceito único de belo. Nascia aqui seu entrave entre belo e o que está por trás, por dentro, por cima, no ar, mas que nos preenche verdadeiramente.

## Davi

Davi era o da equipe, o único que se expressa artisticamente apenas através das artes cênicas. Por isso, que todo seu material de pesquisa era mais relacionado objetivamente consigo, com seu corpo, com suas emoções, com sua construção de ator até ali. Davi queria se desafiar como ator, pois essa identidade era uma das únicas que ele reconhecia em si. E enquanto ator, ele sabia que era bom. Tinha experiência, já tinha sido reconhecido no início da sua carreira. Mas ele queria investigar justamente o que estava para além dessa identidade, como descobrir quem é o Davi por trás do Davi ator e através da atuação, expurgar ele dele mesmo? Todo material reverberava no seu corpo. Imagens, músicas, sons, palavras. Todas organizadas por um único fio condutor, o acaso. Davi abria sua pesquisa fazendo um pacto com a potencialidade significativa do deixar mostrar-se. Trouxe do acaso das suas andanças, uma única vontade que o guiava. Queria dessa vez ir mais longe em cena, queria explorar os afetos que o incomodavam. Queria estar fora da zona de conforto. Trouxe outra identidade para explorar sua autoimagem, dessa vez, uma identidade onde não se reconhecia. Homem. Davi queria se entender como ele era homem, se se incomodava com toda imagem de homem que habitava seu imaginário. Homem, violento, abusivo, insensível. Um certo homem. Davi trouxe muitas referências de homens do autor Valter Hugo Mãe e sua escrita brutal e sensível. Davi queria operar sua pesquisa sobre si, indo no oposto de si, onde se sentia exposto e desconfortável, indo além dos seus limites como pessoa e como ator. Estimulei nesse início, que ele ficasse vagueando um pouco na terra perdida do caos, que não ganhasse direcionamentos e nem tentasse criar um mote só pela necessidade de ver a cena se materializando. Era preciso que emergisse o que realmente o fosse o desafiar em cena. E estar perdido o colocava justamente nesse lugar. Lugar de tensionamento, desconforto e criação. E este era seu mote.

Logo Camila e Adriana avançaram e trouxeram seus temas definidos. Adriana trouxe o texto pronto, Camila trouxe muitas fotos, figurino, objetos. Depois sentiu a necessidade de desenvolver seu texto também. O processo delas era muito de fora para dentro, no que tange às questões materiais da cena. O texto tinha que vir primeiro, o cenário, os objetos. Eu deixei o processo seguir dessa forma com elas, porque precisava delas se sentindo confortáveis, para aí sim, intervir na cena e deixar emergir o nosso

quadro vivo para a exposição. A Marília me acompanhava em todo esse processo de curadoria dos ensaios e dos materiais que levaríamos para instigar as produções.

Porém, mais do que uma cena, nossa intenção era ver uma atriz em cena. Uma atriz agindo, colocada em tensionamento, vivendo suas contradições sobre autoimagem. Mas nós sentíamos que as meninas queriam interpretar, que almejavam cenas bonitas, completas e seguras. Com narrativas lineares facilmente compreensíveis. Formadas numa escola técnica de teatro, elas se sentiam na obrigação de dar conta de todas as etapas do processo e garantir que a “cena” delas estaria pronta, queriam inclusive dar conta da “mensagem” que elas iam passar para o espectador. Eu entendia aquela linha de pensamento, mas não concordava. A gente, enquanto artista, não pode se colocar numa posição de delimitar o campo sensível da obra, isso não funciona de forma nenhuma. Para cada espectador, existe um bloco de sensações que aquela obra faz reverberar. Temos apenas os perceptos e os afectos que a obra pode tocar e os afetos que habitam cada ser humano que entra em contato com a obra. Logo, se fizermos uma análise matemática, a combinação de sentidos que podem ser interpretados e sentidos em uma única experiência artística é muito múltipla. Confesso que não estava sabendo lidar com a desconstrução que eu queria pesquisar. Pelo simples fato de que eu não tinha experiência de conduzir um processo tão aberto. Nós não estávamos nem ensaiando fisicamente ainda e as cenas já estavam concebidas por elas. Isso me incomodava um pouco, porque eu queria sim um ambiente onde xs artistas se sentissem livres para criar seus quadros vivos do nosso teatro exposição. Mas justamente o que elas estavam criando, eram barreiras para a própria criatividade. Delimitações muito pré-concebidas. As delimitações servem à criação porque organizam os materiais dentro de um espaço e tempo, sugerem um recorte por onde começar, elas são fundamentais. Mas elas não podem ser imutáveis, porque isso sim, enrijece o processo.

Decidi que era importante desenvolver um pouco mais esse levantamento mais cartesiano das cenas, porque elas precisavam de uma estrutura mais teatral para conseguirem mergulhar de fato na pesquisa dos espelhos de si. E meu papel, era entender a comunicação de cada atriz e ator e dialogar com eles, para chegarmos na nossa pesquisa em comum sobre a autoimagem.

Já com Davi foi diferente, trocamos muitas referências de tudo que aparecia no nosso campo afetivo. Experimentamos muito trocar escritas fluidas e livres sobre nossas reflexões acerca da autoimagem, da potência de agir, do existir. Ele se permitiu ficar sem definições por mais tempo do que as meninas. É claro que ele sabia, e eu também,

que precisávamos de algum ponto de partida, fizemos algumas experimentações e começamos a definir o campo afetivo que ele queria se aprofundar. Nesse campo habitavam a violência, a crueldade, um homem, um corpo, tensão e jogo. Davi antes do seu texto, achou seu espelho. Encontrou, na sincronicidade que ele permitiu lhe guiar num exercício de composição, a sua persona no reflexo que ele procurava. Achou primeiro seu homem, para depois achar seu texto. Depois, facilmente achamos o texto, que em palavras, traduziria as sensações que ele achou. Então, ele trouxe um texto, não escrito por ele, mas um texto. Para que pudemos jogar com ele. Essa é a grande diferença entre elas e ele. Ele topou o jogo, elas queriam saber qual seria o resultado antes de jogar o jogo. A imposição e a necessidade do belo de fato é uma questão que atinge as mulheres de uma forma diferente. Uma necessidade de ser bonita, ainda que do seu próprio jeito, mas ainda sim, uma necessidade. Eu não acho que essa questão era específica das meninas, me reconheço nesse lugar, reconheço minha mãe, tias, irmãs, amigas, avó. É sobre questões tão coletivas como essa, que eu queria produzir.

---



Bom, mas se com elas os textos eram nosso ponto de partida, aceitamos. Pois precisávamos ir para sala de ensaio, nos confrontar com tudo aquilo. Materializar, aterrar. E fomos.

Todas as trocas, pesquisas e referências até ali, habitavam já o campo semântico-afetivo-imagético que criamos para nós. Mas para criar outras relações com esses materiais, para além da racionalização e do processo mental de criação, senti que já era a hora de ativar nossos fluxos corporais.

### **RITUALIZAR**

Aqui, pretendo descrever um pouco do ritual de iniciação dos ensaios que criamos para nós. Acredito profundamente na força de hábitos ritualísticos, principalmente para processos criativos.

Nossos ensaios começavam sempre com a luz baixa e música. Sempre deixava alguns minutos para as pessoas falarem, chegarem e aí sim começarmos o ensaio.

Depois que partíamos, não tinha mais conversa paralela, não tinha mais nenhum assunto que não fosse pertinente àquele momento.

Minha intenção, era que através da dança, da música e da luz, nós fôssemos capazes de nos desconectar do tempo cotidiano. Desse tempo que nos remete à produtividade, aceleração, competitividade, stress. Acredito que para criar, precisamos evocar portais no tempo e espaço, precisamos ser capazes de mergulhar nos microuniversos que somos, para entendermos um pouco mais do universo em que estamos. Busquei trazer músicas que nos conectasse com nosso corpo, que inspirassem mais ritmos e movimentações, era quase como uma busca pela nossa fonte de energia vital, de conexão com nosso corpo e com a terra. Usei músicas de tambores xamânicos, coco, forró instrumental, frequências de amor. Tudo que nos trouxesse uma relação de transcendência, do tempo, do corpo, da mente, do espaço.

Mas antes de começarmos nosso movimentar-se, sempre fazíamos uma sequência de movimentos de poder, relacionado com os chakras, para ativarmos a nossa força enquanto seres criadores. Uma sequência parecida com uma sequência de yoga, alongamentos e respiração, com movimentos marcados e sincronizados. Isso nos dava conexão, força e alinhamento para seguirmos juntos. Esses momentos dos ensaios eram sempre muito especiais e intensos. De muita liberação. E foi, com toda certeza, o que nos deu gás para nos investigarmos e passarmos pelos desafios de materializar e colocar em cena todo esse bloco de sensações.

Movimentar a energia para além do movimento mental que fazemos boa parte de nosso tempo de vida é necessário. Dançávamos durante uma hora em média. Eu sempre conduzia a alguma exploração completamente experimental e sensorial. Teve dias que levei alguns dispositivos, algumas vezes induzi uma interação entre eles, objetos, tecidos, estímulos. Mais do que uma dança alegórica, era mesmo um processo de dançar conosco e abrir nossos portais internos. Meu trabalho ali, era de muita sensibilidade, para conduzir o processo, sem quebrar o fluxo, sentindo e conduzindo para onde deveríamos ir. Era especialmente importante para mim, cuidar da energia dos nossos ensaios. Velas, incensos e cristais eram indispensáveis na nossa sala. E mesmo toda condução, sempre me conectou nesse lugar de sustentação da energia e sensibilidade para captar ondas vibracionais e aprender a dançar com elas, para que o fluxo natural pudesse nos apresentar as possibilidades com as quais poderíamos dialogar, brincar e criar.

Sempre com muito cuidado, eu também pesquisava junto com eles, os afetos, no corpo, na voz, no individual e no coletivo. Eram nesses momentos de flow energético e criativo, que eu conseguia ver com mais clareza quais eram suas resistências, dificuldades e travas. E era justamente nesse tensionamento que eu queria operar para criar uma cena-quadro-instalação. Os resultados desse tipo de pesquisa corporal sensorial energética foram bem satisfatórios para mim. Com certeza, um método que quero aprimorar e incorporar nos meus processos criativos.

## **IMPROVISACÃO**

**ato ou efeito de improvisar(-se).**

No fundo, era tudo uma grande improvisação.

Meus ensaios eram planejados, mas apesar de cumprimos os objetivos mais simples, os planos sempre tomavam as direções que se apresentavam no momento.

É como percebo que meu corpo ficava em momentos de improvisação, é um estado de acordamento tão forte, é a presença que se instaura, é alerta, mas também é leve. É a alteração da consciência para um lugar onde somos capazes de observar e agir ao mesmo tempo. E nosso objetivo era criar as condições para que fossemos capazes de improvisar. Para mim, a vida é prioritariamente sobre improvisar, sobre desenvolver a capacidade de fazer escolhas no momento presente, com espírito, corpo e mente presentes. Fazemos escolhas a todo momento, mas com a dilatação do tempo e espaço que conseguimos obter no estado cênico, realmente habitamos apenas o presente, a ação. E aí, atuamos.

Por isso que a improvisação foi uma das ferramentas que eu mais usei como diretora e o ator e as atrizes também. Mais à frente vou desenvolver porque escolhi usar a força da improvisação nas apresentações também.

Para respeitar a necessidade das meninas de ter o texto definido em mãos, nesse primeiro momento, resolvi propor uma composição, que incluísse o texto.

5 regras. Uma cena com essas cinco regras. Aleatório. Acaso.

Camila e Adriana vieram com a cena preparada, mas nem sempre as regras foram respeitadas. Algumas incorporadas, outras não. Mas principalmente, o tensionamento não estava lá. A estranheza das regras incoerentes numa mesma cena não estava lá. As possibilidades estavam reduzidas às suas capacidades de imaginar a cena na cabeça delas. Tudo bem, não era uma cena quadrada. Eram boas cenas, poéticas. Mas



muito pouco comunicativas dentro da nossa pesquisa. Nossa pesquisa era uma exposição. Não uma interpretação de um sentimento que não trouxesse tensionamento. Não por acaso, Davi não veio nesse ensaio das composições. Investiguei um pouco mais com as meninas. Enquanto elas achavam que me apresentavam cenas e que iam seguir com elas, eu observava as atrizes por trás das cenas, as resistências, as dificuldades, que me diziam mais sobre o que eu de fato queria pesquisar, do que o que estava sendo realizado em si.

Davi então, apresenta sua composição num ensaio separado. Ele se desafiou. Mesmo sozinho, jogou com o acaso. Separou um livro, um player de música e se deu algumas regras a mais. Ele daria o play uma vez no modo aleatório. Abriria o livro numa página. Apertaria o gravador. Uma única chance. Ele leu uma parte do livro, ao som de uma música aleatória, gravando uma única vez. O resultado foi um áudio gravado, com a música e o trecho do livro num encontro que trazia potência, violência e sensibilidade. O acaso trouxe consistência para ele, trouxe a tensão que ele buscava, do masculino, da violência que ele queria pesquisar, da exposição de si. Ele achou seu homem que o olhava no espelho.

Logo Davi soube que material textual traria para explorar. E pouco importava se íamos seguir com aquele texto ou não, mas seguíamos num fluxo contínuo de pesquisa e articulação com o acaso e a intuição criativa. As meninas ficavam cada vez mais desconfortáveis e um tanto desestabilizadas. Isso me incomodava por um lado, porque minha proposta nunca foi de oferecer segurança. Mas eu também não podia forçar as pessoas a investigarem algo que elas não queriam nenhum pouco ver. Então, seguimos para um processo de levantamento de cena mesmo, para depois desconstruirmos.

---

#### 4º mês - CONSTRUÇÃO ) des ( CONSTRUÇÃO - Outubro



**Levanta e desmonta, cenas e pessoas. Personalidades, identidades, certezas.**

Abrir possibilidades dentro da cena, abrir possibilidades de cena era também abrir possibilidades dentro dos corpos desses atores. Não só em relação à cena, mas novos caminhos de identificação dentro de cada um deles e dentro de todos nós que estávamos no processo. A cena nada mais é do que um dos espelhos do processo. E com certeza, o que me importa no teatro são os processos. Tanto os que são abertos e alimentados durante os ensaios, como aqueles que se iniciam, com o público, nas apresentações. A peça exposição não é o produto final. Ela é meio. Dispositivo. É como um arador. Abre caminhos.

**Estamos falando de abrir possibilidades dentro de um corpo ou abrir o corpo a suas próprias possibilidades.**

Assim como o espetáculo é um dos espelhos do processo de criação, as cenas são espelhos de cada um daquelas atrizes e daquele ator. Só que nem todos os reflexos nós queremos, ou estamos preparados para ver. Mais do que o medo de ver e é o medo do que os outros vão ver. E o que vão pensar. A questão reside mais no que eu acho que os outros acham, do que o que realmente é. Trago essa questão, porque foi neste momento específico em que todas as teorias foram virando prática e que o enfrentamento da vaidade, da expectativa e do ego dentro da criação foram desafios estruturais entre a direção e os atores.

Com as cenas levantadas, pelo menos a base delas e a apresentação se aproximando, minha intenção enquanto aluna diretora era encontrar uma forma de desconstruir os limites seguros das cenas e trazer para nosso jogo um elemento de conflito, que pudesse nos conectar mais com o que estava de fato vivo e não com o seguro. No sentido da cena, eu não me importava em apresentar uma narrativa com início meio e fim. E muito menos com personagens definidos e identificáveis. Na verdade, a pesquisa sempre foi entre as imagens criadas no reflexo entre ator/atriz - personagem. Mas para as atrizes principalmente, a ideia de cenas desconstruídas, ou sem personagens claros e declarados começou a ser uma questão, simplesmente porque a desconstrução tinha, ao ver delas, menos apelo e segurança estética. Em bom e claro português, não ia ficar bonito. E sentíamos que elas queriam ser reconhecidas como bonitas, boas, corretas, eficientes.

Hoje eu sou capaz de refletir que o nosso conflito diz muito sobre a forma como nós criamos as nossas identidades e como ela é aceita ou não socialmente. A questão do reconhecimento e validação. A gente se acostuma a seguir padrões para ser validado pelo contexto social, qualquer que seja, em que estivermos inseridos. Mas falando no âmbito social humano, me parece que as questões morais, éticas, regulamentadoras, se repetem de cultura para cultura, cada uma com a sua especificidade. E isto cria, em nós, seres humanos, um senso de adaptação e necessidade de encaixe com o qual a gente se acostuma. A gente se acostuma a seguir as regras e ganhar validações dentro dessas regras. E é a partir daqui que começamos a construir a nossa noção de valor próprio. Começamos então a construir a nossa autoimagem pelos fatores externos. Posso afirmar, que com 100% das pessoas que trabalhei nesse processo, que a concepção de autoimagem de cada um era muito mais construída na externalidade e na validação social.

A partir dessa sensação e dessa intuição, fui percebendo que na verdade, o que cada artista deixava transbordar em sua cena, ainda que sob uma falsa sensação de controle, era um pedaço de si. Um pedaço do espelho estilhaçado de si que estava vindo à tona. Um pedaço desconhecido e potente. E pode ser que eles até não tivessem percebido isso, mas para mim era claro que concepções inconscientes das suas autoimagens estavam emergindo, através do processo criativo intuitivo e do ambiente que criamos juntos.

## Camila

**Como já tinha introduzido no texto do segundo mês, os materiais de pesquisa da atriz eram baseados nas histórias de mulheres que tiveram seu rosto destruído.**

O ácido da Camila era uma analogia. Uma referência clara à forma com a qual ela se julgava, se tratava. Ela se corroía por dentro de tanto se julgar e não realizar a sua potência de agir. O medo de ter a fisionomia comprometida era o medo de não ter valor para além da beleza de seu próprio rosto. A questão não eram as indianas de rostos queimados, elas eram apenas espelhos, fragmentos de uma questão muito mais profunda que Camila evitava.

Entrar em contato com essa questão foi delicado para atriz, mas ela topou seguir nessa pesquisa. Até o momento em que fomos definir as cenas para apresentação. Camila começou a apresentar mais dificuldade e um pouco mais de resistência de seguir aprofundando nas questões da atriz. E ela começou a se agarrar a detalhes técnicos da cena, pois acredito que ela realmente não estava conseguindo lidar com aquilo tudo que tinha emergido e tudo bem.

Conseguimos avançar em alguns processos com ela, retirando principalmente a maioria do seu texto, que era basicamente uma narrativa explicativa. Ela, de certa forma, se preocupava em garantir que a mensagem chegasse no público como ela tinha pensado quando concebeu o texto, pois além das questões emocionais, assim tinha sido a sua formação no teatro. Eu, enquanto diretora, me preocupava em criar uma cena que a desafiasse de forma tão verdadeira que as pessoas talvez pudessem se refletir, se identificar na exposição do processo daquela artista-obra.

Fomos até onde foi possível, sempre pensando em respeitar os tempos e o espaço de cada um. Há que se ter muita responsabilidade nesse lugar de mexer com sentimentos, traumas e registros emocionais delicados, conduzimos até o máximo que pudemos, respeitando os limites de enfrentamento que a própria artista se colocava. Não seria ético da minha parte pressionar uma atriz a chegar onde eu queria, mesmo que isso custasse um alto estresse para ela. Não seria nem ético e nem coerente com a nossa proposta.

## Adriana

**Aquilo que se expressa como uma doença no corpo físico, é uma chaga que começa no corpo emocional e mental. Quando ela se externaliza, nos denuncia. Até aonde Adriana conseguia se esconder?**

As doenças e deformações no corpo, explicadas pela metafísica da saúde, que as correlaciona com aspectos emocionais era o processo que Adriana estava passando. Ela não conseguia perceber que sua obsessão pelos seus olhos inchados, era justamente porque no inchado, havia emergido toda dor que ela queria esconder. O problema não era sentir dor, o problema era se expor. Era agora ser reconhecida como alguém que possivelmente tinha chorado a noite inteira, devido aos inchaços dos olhos.

Adriana só queria falar. Depois de quatro anos chorando e escrevendo textos nunca publicados ela só queria falar. E isso foi um desafio para nós. Assim como

Camila, o texto de Adriana era de autoria própria. E ela também tinha uma grande preocupação com o que as pessoas iriam pensar dela, como atriz e como pessoa que estava expondo um processo pessoal difícil. Por isso a tendência do texto ser altamente explicativo e com um objetivo de garantir que as pessoas iriam entender exatamente o que ela queria falar era grande. Como com ela, nosso objetivo também era fazer ela se expor, mais do que explicar ou controlar uma cena, fomos explorando dispositivos cênicos que trouxesse essa sensação de exposição. Até aqui ela havia topado seguir nessa linha de exploração. Até que ela arranhou um emprego fixo e começou a faltar muito os ensaios, com as outras cenas se desenvolvendo e a dela não, ela pensou em desistir de se apresentar, porque não ia estar boa e pronta para uma apresentação.

Com toda crise da Camila associada ao processo da Adriana, foi realmente difícil acreditar que íamos conseguir ir em frente e apresentar nosso processo, potente como havia sido até ali.

### **Davi**

**Masculinidade quase que era sinônimo de agressão. E agressão era o que lhe interessava pesquisar. A crueldade, a dureza, a violência. O que ele não percebia é que anular em si esse lado da masculinidade, era anular qualquer masculinidade possível também.**

O masculino agressivo e distorcido, que tanto incomodava o Davi. A vontade de pesquisar essa violência que o enojava era quase como um retorno para si mesmo. Davi, ao ignorar todo aspecto masculino, por causa da violência que sofreu por ser gay, também ignorou todo aspecto positivo da masculinidade. Apesar de ter uma figura externa extremamente masculina, Davi deixou de lado sua coragem, sua capacidade de materialização, de realização, sua força e todos os aspectos dessa energia. Sua pesquisa era realmente um olhar-se no espelho e ver o que ele tinha abandonado pelo caminho. Para expurgar de si, o fascista que também habitava nele, no Davi. Para quem sabe, poder se reconciliar com o homem que ele também era.

---



Com o intuito de sair um pouco das questões pessoais dos atores e afim de testar novas possibilidades de cena, resolvemos começar a abrir os ensaios para algumas pessoas. Afinal, o processo de reflexão e exposição só poderia se dar de verdade com o público em cena. Já que o público compunha esse jogo e toda troca, olhar e diálogo é que de fato davam vida para a proposta. Afinal, “... a humanidade começa nos que te rodeiam e não exatamente em si.” Como disse Valter Hugo Mãe.

Por mais que eu quisesse um lugar um pouco mais tensionado, uma peça que não fosse uma peça declarada, eu tinha consciência que tinha escolhido atores profissionais. Não só pessoas que quisessem se explorar. E eu escolhi ator e atrizes porque acredito que os personagens que levamos para o palco são máscaras. Mas não são máscaras externas. Eles são máscaras internas. São os espelhos e os expurgos possíveis desse ator e dessas atrizes. Por isso que a pesquisa com o reflexo do personagem sobre o ator/atriz era tão importante para a proposta.

Foi aí então que surgiu a personagem da diretora. Um convite a se expor não podia ser feito apenas com as palavras. E toda resistência que eu sentia principalmente nas meninas, era um pedido desesperado de colo, que eu não poderia dar. Mas eu poderia dirigi-las. E para isso eu precisava assumir a personagem da diretora e não só mais da aluna Marianna, inventando algo que não sabia fazer, ainda. E o que chamo de personagem de diretora não é nada relacionado com esses estereótipos de diretores

malucos, agressivos e descontrolados. Mas sim uma figura que passa segurança, que dá a mão para ator explorar suas sombras, acreditando que lá, estará o mel do processo criativo. Porque na minha concepção, atores são seres dotados da capacidade de ver e vivenciar coisas que são obscuras e demasiadamente difíceis para a pessoa comum. Meu desafio nesta etapa era fazer eles conhecerem e investigarem a sombra desses personagens sem perceberem de primeira que estes eram eles mesmos.

QUEM É ESSE PERSONAGEM?

QUEM É VOCÊ NESSE PERSONAGEM?

Entro na sala de ensaio. Deixo uma cadeira no palco. 5 cadeiras na plateia. Nos sentamos todos na plateia. Esperamos. Espero a concentração chegar, a dúvida espreitar o que iria acontecer a seguinte. O clima começa a mudar, a presença começa a se instalar. Me sento na frente de todos. Declamo um texto. Quem está na frente? Que personagem é essa? É a Marianna? É a Diretora? É uma personagem?

EU ME EXPONHO PARA QUE VOCÊ VEJA EM MIM, AQUILO QUE ESTÁ EM VOCÊ. E ISSO É UM CONVITE, DE EXPOSIÇÃO.

O jogo se segue, pouco a pouco cada um toma o lugar na cadeira no palco e passa a aceitar se expor. Na verdade, cada um escolhe se expor por livre e espontânea vontade. Assim, o jogo acontece sem que as regras sejam impostas. E assim, mesmo com todas as resistências, fazemos um pacto. Aprendo que no processo de direção, muitas vezes uma atitude, uma ação, um disparador funciona muito melhor do que um pedido que passe diretamente pelo campo racional cognitivo do ator e da atriz.

Testes com público.

Alguns ensaios são abertos para o público. Foram 3 ensaios abertos até a apresentação. Combino com os atores um protótipo de roteiro para os momentos de entrada e saída, sempre mudando de um ensaio para o outro. Minha intenção era realmente que cada apresentação tivesse um fator surpresa, algo que os lembrasse de retornar à presença e manter a atenção uns nos outros. Eu participava ativamente desses combinados, com intuito claro de movimentar essa energia e mantê-lo conectados. Sentindo o campo e movimentando-o quando necessário.

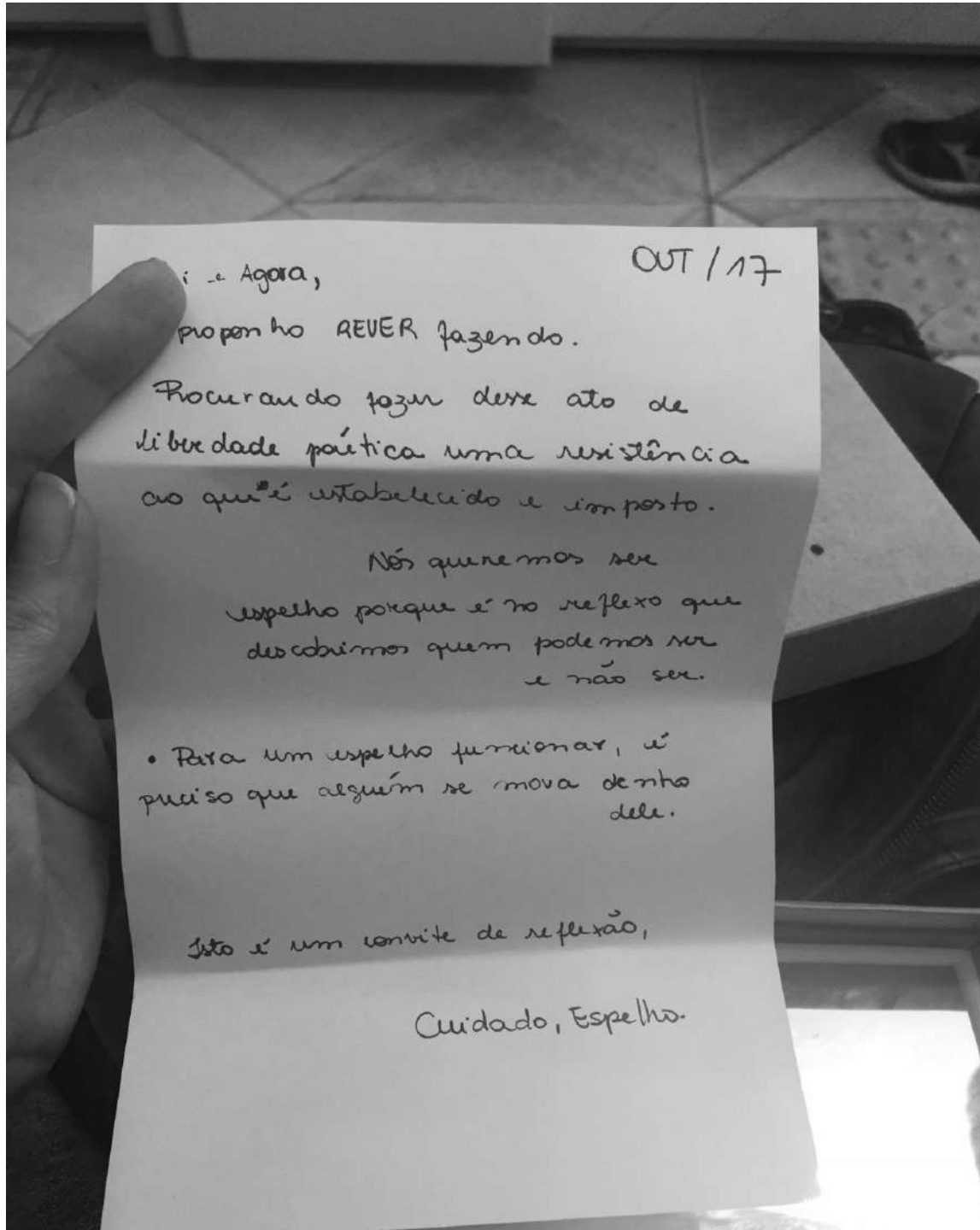
Mesmo com as resistências gritando, os ensaios abertos trazem para os atores, uma sensação de acalanto. A experiência sensorial, o toque através do ar, o impacto no espectador acontece e isso acalma principalmente as meninas. Além disso, eu defino o segundo momento da peça, um momento em que eles abandonam os personagens, saem de seus nichos e encontram o público de igual para igual, falando de humano para o humano e quando se colocam nesse lugar de igual, some a necessidade de ser incrível, de ser reconhecida, validada, a auto cobrança dá lugar a auto aceitação e à imperfeição inerente a todos os seres. Paramos de ter que nos provar e passamos a aceitar que o que

vamos apresentar é um processo, um processo muito inicial de uma forma diferente de criar e apresentar cenas.

---

## ARTISTAS CONVIDADOS - MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO

Caixa que cada artista recebeu para criar uma obra para a exposição.  
Dentro havia uma carta e um espelho quebrado.





O processo de convite de novxs artistas foi um pouco mais corrido e amador do que eu gostaria. Investimos tanto tempo na resolução dos conflitos entre a cena, entre xs artistas e cena e entre a direção e a estruturação do próprio processo de pesquisa, com tantos erros e acertos, ao mesmo tempo em que levantávamos as cenas que os outros tipos de obras, que não eram cenas, ficaram num segundo plano, no que diz respeito ao tempo de produção, reflexão e acompanhamento desta criação. Basicamente foi tudo feito em duas semanas e testado somente mesmo no primeiro dia de apresentação, o que não recomendo a ninguém, mesmo.

### **Sinestesia Mutante**

A Sinestesia é uma plataforma de arte que tem a Bia Salomão e o Vinicius Rodrigues como artistas proprietários. Eles criam diversos projetos de artes interativas, pesquisando a sinestesia das sensações e das nossas relações com os objetos e as memórias. O convite foi para que eles criassem a obra que abriria a exposição, a primeira obra em que os espectadores teriam contato.

Eles se inspiraram na caixinha de convite e criaram um corredor sensorial, cheio de espelhos quebrados e ativações que exploravam os sentidos das pessoas, conectando sempre com o tema da exposição.

### **Thaís Lage**

A Thaís é uma fotógrafa super sensível que vem acompanhando o palhaço Márcio Libar nos seus workshops, que ele chama de game, o ACEITA IDIOTA, basicamente é um processo de autoconhecimento que une o teatro, o exercício do picadeiro e o personagem do Monsieur Loyal, conduzindo os público numa experiência de living theater bem profunda. Eu participei de um game e descobri que a Thaís tirava fotos das pessoas no primeiro dia do game e logo após o picadeiro e ela foi colecionando essas fotos, das pessoas emocionadas, ao se reconhecerem no espelho. Na hora a conexão ficou clara para mim e pensamos de compor a exposição de Cuidado Espelho, com uma curadoria dessas fotos da Thaís.

### **Giuliana Libar**

A Giuliana é uma DJ, que eu também conheci o trabalho na oficina do Márcio. O convite feito para ela é de que ela fosse a DJ da nossa exposição, da nossa vernissage, mas que também fosse uma agente das cenas, jogando com músicas e com os atores, em momentos específicos.

### **Antonio Salviano**

A obra de Antonio foi uma produção de um dos processos que passamos durante nossa fase de ensaios. Camila e Davi fizeram máscaras de seu próprio rosto com gesso, segundo as técnicas que Antonio tinha estudado. O processo de confecção das máscaras foi um dos nossos ensaios mais profundos, principalmente para Camila, que lidava

muito com a questão do rosto. Resolvemos convidar Antonio com os negativos das máscaras para expor.

Assim, no dia da montagem, foi o primeiro dia em que reunimos todas as obras e de fato experimentamos a narrativa da exposição que só estava em nossos planos. Muito também porque não teríamos a chance de experimentar antes, pela logística da sala e dos materiais. Mas de certa forma, tínhamos que lidar com o que era possível e não com o que nossas expectativas tinham criado. Isto trouxe um tensionamento muito interessante para a composição da cena, mas também algumas crises. De qualquer forma, estávamos de fato testando. E a partir dali, seria realmente nossa primeira apresentação e a primeira vez que a proposta seria verdadeiramente executada. Pois tudo era jogo, presença e troca.

E seguimos.

E hoje, refletimos.

Cuidado, espelho.

---

### **Sobre a RESISTÊNCIA.**

Hoje faço reflexões sobre o processo, que no momento eram puras e simples intuições. Tanto quanto o memorial, essas reflexões são fundamentais para o meu processo de amadurecimento. Aqui, as palavras me saem e parecem quase um desabafo, uma justificativa da minha falta. Mas para mim, são o registro de um processo criativo imenso, curador e desafiador.

Resistência é um conceito que conheci há bem pouco tempo. Mas achei um nome oportuno e funcional para nomear esse sentimento obscuro que me bloqueia.

Tenho tentado escrever para ver se algum fluxo de alguma coisa acontece. Talvez, seu eu parar de pensar, posso ver que já tem alguma coisa acontecendo. EU sempre escrevo uns porquês, eu não quero mais os porquês.

Talvez porque revisitar esse processo todo seja difícil para mim.

Porque?

Porque eu consegui.

Eu sempre consigo aquilo que eu quero se eu me dedicar.

E meus sonhos são grandes.

Uma parte de mim acha que não vai conseguir, mas depois eu vou lá e consigo. Porque quando se trata de realização, eu raramente desisto. Eu desisto de muito poucas coisas na minha vida, eu largo pequenas coisas pela metade, mas nas grandes decisões, eu dificilmente largo. Meus relacionamentos, meus projetos, meus desejos. Eu posso até me enganar e dizer para mim mesma que eu largo tudo, que eu sou uma fraca, mas isso não é verdade. Isso não é verdade e não se manifesta assim. Eu sempre consegui tudo que fui atrás, aos pequenos passos, a minha vida tem dado muito certo desde o momento que eu decidi soltar o controle.

Desde o momento que eu decidi sair daquela casa, morar em outra cidade, criar meu próprio caminho. Mesmo com a autoestima fudida. Mesmo com condições difíceis. Eu lutei e ainda luto contra essas sequelas que nunca vão se apagar, mas que vão ficar

um pouco mais desbotadas com a palidez do pensar. Eu hoje digito sem olhar para o teclado. Eu achava isso genial quando via meu pai fazendo isso lá no início dos anos 2000 e eu, no auge dos meus primeiros contatos com o computador, achava que eu nunca seria capaz. Na verdade, a gente se acostuma com tudo. Essa capacidade o ser humano tem. A gente pode escolher se acostumar com essa vida inventada, enlatada, chata e previsível, segura e confortável. Ou a gente pode seguir um outro caminho. E por mais surreal que te pareça agora, a gente também se acostuma com o caminho do sucesso, da realização, do amor, da abundância, da materialização dos nossos desejos. Mas isso depende de aprendizado. Tudo que eu aprendo parece fácil depois. No início eu não faço ideia de como fazer, mas depois parece fácil. É por isso que eu desejo que eu viva meus erros com engano suficiente para eles se tornarem aprendizados.

Fim, do início.

---

### **Sobre COMUNICAR - AMAR**

"Comunicação é sempre amor, não tem outro meio. E amor é sempre acompanhado por confiança, confiança de que o outro é capaz; porque o outro sou eu. Se o outro é capaz, eu também me torno capaz. Isto é o oposto de paternalismo, patriarcado, capitalismo. É a liberdade. Quando eu posso receber o outro, então estou comunicando; quando eu escuto o outro e sei que posso falar também. Estes momentos não acontecem todos os dias porque estamos inseridos em fortes estruturas de poder e opressão – estão ao nosso redor, por dentro, por toda parte. Vivemos num mundo que não quer que sejamos tocados porque se formos, nos tornaremos poderosos e capazes de mudar as coisas. Teatro político é, portanto, qualquer teatro voltado para esta noção básica de respeito aos seres humanos como iguais. E estar sempre em movimento porque nada está de fato completo e finalizado." (Denise Stoklos)

---

### **Anexo 1 - Apresentação REVER em Cuidado Espelho.**

Olá boa noite, obrigada por terem vindo.

Aqui e agora, proponho rever fazendo, procurando fazer desse ato de liberdade poética uma resistência ao que é estabelecido e imposto.

Bom, só para explicar o que é isso daqui isso aqui é um jogo. Ele deve durar uma hora mais ou menos. Mas eu não te garanto que é assim que você vai perceber o tempo, até porque né, ele é relativo.

Esse é um jogo de espelhos. Só que para um espelho funcionar, é preciso que alguém se mova dentro dele. Durante o jogo nós podemos nos utilizar de muitas frases impactantes, cheias de doses de reflexão, que não são nossas, que são roubadas. E na

maior falta de ética, ou com o maior comprometimento com o inconsciente coletivo, não vamos citar fontes. Porque pode ficar pedante e nós não queremos parecer pedantes. Aliás, não queremos parecer nada. Queremos quebrar os espelhos que nos definem e limitam.

Tá bom, mas vamo em frente, objetivamente. O jogo é simples. O cenário é essa peça-exposição, lugar de criação, de arte, de entrelugar. Aqui não trabalhamos com definições. Se você queria uma peça que te fizesse rir ou chorar, com atores bonitos e marcas bem pensadas, melhor você ir embora. Agora, se você quiser jogar um jogo, para descobrir o que pode acontecer, seja bem-vindo.

Num jogo é preciso que a gente estabeleça as regras. A gente pode não saber o que vai acontecer, mas é preciso seguir as regras. Você pode até não concordar, mas para se mover pelo tabuleiro é preciso que você faça um pacto com elas. Como na vida. Nós temos duas regras: Eu finjo que me exponho. Você finge que acredita. Combinado?

---

## **Anexo 2 - MANIFESTO REVER - Por Mari Mugnaini**

O que queremos REVER?

Espelhos são objetos capazes de gerar reflexão ou reflexo. Espelhamento é o nome que encontramos para nomear os momentos em que descobrimos algo sobre nós a partir da nossa relação com xs outrxs.

Nós queremos ser espelho porque é no reflexo que entendemos quem podemos ser.

Para o espelho funcionar ele precisa de alguém que se mova dentro dele.

E eu preciso de você.

Temos um desejo em comum: investigar o ser humano e seus afetos.

Escolhemos o espelho como tecnologia e analogia para nessa investigação.

É só mais uma jornada.

Nós queremos falar de afeto

Nós queremos ser o espelho desses afetos

Um reflexo, uma imagem, uma versão

De tudo o que os afetos nos causam

É uma expedição sem lugar de chegada, uma aventura sobre nós, todxs nós.

*“A consistência está em construir um corte no caos, não se perder nele”  
Rafael Trindade.*

---

### **Anexo 3 - Comecei a ensaiar outra vez - Por Mari Mugnaini**

Comecei a ensaiar outra vez

Sobre a liberdade de criação.

*“...é o que faz a liberdade, acrescentou. um dia estamos desconfiados de tudo, e no outro somos os mais pacíficos pais de família, tão felizes e iludidos. e podemos pensar qualquer atrocidade saindo à rua como se nada fosse, porque nada é. as ideias, meu amigo, são menores nos nossos dias. não importam. as liberdades também fazem isso, uma não importância do que se pensa, porque parece que já nem é preciso pensar. sabe, é como não termos sequer de pensar na liberdade. é um dado adquirido, como existir oxigênio e usarmos os pulmões. não nos hão de convencer que volte a censura, qualquer tipo de censura, isso seria uma desumanidade...” Valter Hugo Mãe*

Nós não vamos parar.

Ensaíamos. Fazemos viagem no espaço tempo. Nos comprometemos. Mergulhamos para dentro de nós para buscar todos os aspectos mais escondidos das nossas personalidades, para deixar submergir. Queremos ser os espelhos desses afetos. Mas para isso a pesquisa é árdua. Ritualizamos. Criamos nossa realidade. Dançamos, gritamos, criamos, nascemos.

Hoje estávamos ensaiando no terraço de um de nós. Moramos na zona sul. Pagamos condomínio caro. Estamos na cidade. Mas não podemos ocupar. Não podemos mais ensaiar no terraço, porque um vizinho nos ameaçou. Ele não gosta de um grito que ouviu, a música também incomoda e mais, tem velas e pessoas se movimentando livremente. Liberdade. Incomoda.

Nada acontece por acaso, não nos abatemos e nem nos enganamos. Não é o pior problema do mundo, perder um espaço de ensaio e criação. A cidade assusta, mas vai amanhecer.

Como nosso processo é sobre olhar pras situações e buscar o espelho, nós nos perguntamos. O que essa situação está querendo nos ensinar? Arrisco a dizer que esse acontecido vem nos ensinar sobre política, sobre ocupação, sobre reinventar a cidade. As pessoas estão mais violentas do que nunca. Não é pra menos, o Rio está mais violento. Isso porque nem vivemos a realidade por dentro das favelas. Essa dimensão de arte—cidade vem cada vez mais ganhando lugar nas nossas pesquisas, mesmo que esse não fosse nosso intento inicial. Aí que está o poder da arte, ela não é sobre o produto final. Ela é sobre o que movimenta durante a criação, sobre que entranhas ela é capaz de mexer. Para então, dar a ver. E REVER. A cidade e seus atravessamentos, desvios e tiros nos alcançam.

---

#### **Anexo 4 - Escrita em gesso - Por Davi Palmeira**

Escrita em gesso

pequenos rituais diários.

Rio de Janeiro, 03 de novembro de 2017.

Gloria, 12h50. A experiência começa no moto táxi. Destino: Largo dos Guimarães. A moto sobe rapidamente pelas ruelas de Santa Teresa. Tento me equilibrar. Mantenho o corpo atento e o centro gravitacional ativo. Penso em 2017. Caos. Um buraco. Centro-equilíbrio-reorganiza-volta pra cá-Ladeira. Lembro do famoso pão de queijo de Santa. Oba, boa lembrança, vou comer. A moto chacoalha. Seguro firme na lateral. Reta. Curva. Sempre subindo. Chegamos. A moto para. Pago o combinado. 3,50. Espero o troco, devolvo o capacete e sigo. Pão de queijo fresquinho. Uma porção de 8. Pago, agradeço, e volto ao caminho. Mais ladeira. Essa área é mais silenciosa. Poucas grandes casas. Como um pão de queijo. Barulho interrompe o silêncio. Olho pro lado. Um lagarto sobe a parede. Sigo. Sempre subindo. Chego ao destino: um casarão no alto de Santa, com vista pra toda a cidade. Toco a campainha. Camila vem abrir o portão. Usa uma blusa com a bandeira de Minas Gerais. Comento. Rimos. Seguimos. Na sala, Antônio e Virgínia. Ela, já conhecida de outros tempos. Ele, desconhecido. Nos apresentamos. Começam os preparativos. Eu trouxe vaselina. “Era líquida ou pastosa?”, pergunto. “Pastosa”, ele responde. Ufa. “Trouxe dois potinhos. Trouxe a cola cascorez também. Achei na loja de material de construção”.

**Pula uma linha. Parágrafo. (Significa passagem de tempo e/ou mudança no estilo de escrita).**

Camila começa o processo de engessar-se. Achei bonito nomear assim. Afinal, estamos criando “máscaras de nós mesmos” com gesso. Peço licença poética.

Engessar-se. Acompanho atento cada movimento. Medo-excitação-riso-agonia-pavor-desejo. Misto de sensações. Tudo travestido em conversas banais.

Camila, engessada, escreve palavras-perguntas-sensações-medos em um caderninho que está em suas mãos. Sua voz sai, não pela boca, mas pelo caderno, pela caneta e por expressões das mãos e das pernas. A comunicação vai além das palavras.

**Pula outra linha. Parágrafo. (Passagem de tempo)**

Enfim, o gesso seca

**Ponto. Pula novamente uma linha. Parágrafo. (Pausa)**

Deito no colchão. Protejo o cabelo. Chegou a minha vez.

*A partir daqui o ritmo desacelera. O tempo é outro. Corpo em experiência*

Antônio comanda e realiza as ações com muito cuidado, respeito e delicadeza. Anuncia calmamente cada passo do processo. Só ali, deitado, de olhos fechados, entendo que se trata de um ritual. Um processo lento e artesanal de construção de memória.

**Aqui, palavras soltas. Mas as palavras não dão conta. Portanto, não leia correndo. Saboreie cada palavra imaginando tudo o que está contido nela. Ela não foi escrita à toa.**

**E não esquece de respirar. Fundo.**

**Tudo o que segue é real, imaginário, sensorial e poético.**

Vaselina

Muita vaselina no rosto

e nos pêlos

Cheiro forte de café

Mais vaselina na barba

“Davi, vamos começar! Ok?”

Sinal de positivo



Canudos nas narinas

Gesso líquido escorre

Sobre a testa

Gelado

Escorre feito Água

Escapole pros olhos

Afogo-me aos poucos

Nariz

Boca

Bochechas

Queixo

Muito gesso

E água

Nariz incomoda

Olho incomoda

Meus olhos são muito sensíveis

Escrevo:

“parece que está entrando no olho esquerdo”

“É assim mesmo” respondem

Camila diz “também senti isso”

Engulo saliva

Medo

Perda da sensibilidade /luminosidade

>>> *mesmo com os olhos fechados, ainda temos sensibilidade à luz. Depois de certa quantidade de gesso sobre o rosto, os pontos sensoriais de luminosidade desaparecem. A sensação de perder a referencia da luz é apavorante. Sinto-me enterrado. vivo.*  
<<<<

Terra

Terra

Terra

Morto

Vivo

Desespero

Calma

Relaxa

Respira

Passou

Foi só um devaneio.

...

As pessoas conversam

e

Pássaros cantam

Durante todo o processo

...

Lembro que meus pêlos podem prender no gesso

Respiro fundo

“Tudo bem, Davi?”

Sinal de positivo.

Pensamentos vem e vão

É um processo meio solitário

Parece meditação

(Não. Pirei. Nada a ver)

O frescor do gesso vai se transformando rapidamente:

Fresco

Morno

Quente

Muito quente

Pelando

Coçam alguns pontos.

Tudo dentro do previsto

Antônio avisou

Camila avisou

Sinal que está secando

Tudo sob controle

“Davi, terminamos. Agora é esperar secar. Vou lavar as mãos, qualquer coisa escreve para as meninas”.

Sinal de positivo.

Não sei se disse, mas também tenho um caderno e uma caneta nas mãos.

Tempo

O sol tá batendo em uma parte do meu braço.

Calor

A máscara/molde pesa

Arde

Queima

Calma

É só uma sensação

Engulo saliva

Escrevo: HOT

As meninas riem

Meus olhos são sensíveis.

Acho que já disse isso

Respiro fundo

Tempo

Escrevo: FALTA MUITO?

“Acho que uns 5min” Marianna responde.

Antônio volta

Hora de tirar

Puxa a máscara

A barba agarra no gesso

Repuxam os fios

Muita dor.

“Fica tranquilo, Davi”

Ok

Tento fazer força contrária

Dói

Tentativas

Muitas

Sem sucesso

“Pode cortar” digo

Tesoura

Alguns cortes

Muitos pêlos

Pânico

Levo as mãos ao rosto

Encontro pedra

Quero me livrar daquilo logo

Preciso deixar ir

Os pêlos

Preciso deixar a dor doer

Antônio corta

Faço mais força

Tempo

Corte

Tensão contrária

(Respiro aliviado)

Enfim liberto.

De olhos fechados, sou levado até o banheiro. Tem gesso nas pálpebras e por todo o rosto.

Tudo bem.

---

Um banho.

Longo.

Água, pra lavar o que tem que limpar.

Limpeza. Ritual.

---

O confronto. Eu e eu em gesso. Eu me vejo num pedaço de pedra branca. Tem pêlos grudados nela. Meus. Muitos. O desenho da barba no gesso completa o que parece/pareço ser eu. Negativo de mim. Me reconheço. Sou eu mesmo. Ou seria ele? Esse sou eu? Cuidado, espelho.

Por fim, um cigarro e assuntos banais.

### **Pula uma linha. Parágrafo. (O dia que segue)**

Descemos. Eu e Marianna. À pé. Ladeiras. Ruelas. Rua Candido Mendes. Direto. Muitas curvas. Muito papo. Descer é sempre mais fácil. Nossos papos são muitos. Se repetem, quase sempre. Mas são novos. Sempre novos. Mesmo se repetindo. Uma pausa. “Olha o sol batendo naquela construção que parece um castelo”. Foda. Seguimos. Falamos de ritual, de amor, de angústia, de terapia, de cura, de teto, de crescimento, de postura. Sempre descendo. Muita curva. Marianna abraça uma árvore. Observo. Trabalhei um ano nessa rua e nunca reparei nessa árvore. Mais descida. Já estamos na Glória. Uma barbearia. “Vamos entrar? Preciso dar um jeito nessa barba. Está toda falhada”. O espaço é apertado. Lá dentro, entre clientes e barbeiros, uns seis ou sete homens. Penso no quanto as barbearias são espaços machistas e opressores. Um senhor me atende. Digo o que preciso. Tudo muito prático. Meus olhos ainda estão meio irritados por causa do gesso, por isso permaneço de olhos fechados por quase todo o processo. Não me sinto à vontade naquele espaço. Ao meu lado, dois homens falam de política. Não lembro direito, pesquei poucas palavras. Lava-jato, Temer, corrupção.



Nada além disso. Clichês. Só quero sair daqui. Parece demorar mais do que o normal. Ali, sentado, começo a observar e refletir sobre a arte de barbear. É um processo artesanal. Aquele senhor repete aquelas ações diariamente. Muitas vezes. Há anos. Que lindo. Provavelmente aprendeu com seu pai e seu pai com o seu avô. Talvez eu esteja romantizando muito. Mas foda-se. Me deixa imaginar. Ele agora faz uma mistura. Uma espuma. Passa lentamente pelo meu pescoço. Gelado. Prepara calmamente a lâmina e começa a limpar lentamente. A lâmina afiada nem parece tocar a minha pele. Tudo muito delicado. Me vejo imerso no segundo RITUAL do dia. Uau. Nada planejado. uma bela surpresa. Levanto. Me olho. Belo trabalho. Pergunto seu nome. Paulo. Pago. Seguimos. Metrô. Gloria > Catete > Largo do Machado > Flamengo > Botafogo > Cardeal Arcoverde> Siqueira Campos > Cantagalo > General Osório. Casa da Mari. Ela cozinha. Creme de espinafre com aipim. Batatas coradas. Arroz fresquinho. Brócolis. Salada. Que delícia. Estava precisando de algo mais leve mesmo. “Vamos ver o mar?”. Uma lua cheia linda nos acompanha por todo o caminho. Uma mulher é rude com um senhor catador de latinhas. Mari grita. Não se contém. Seguimos. Pedra do Arpoador. 19h50. Barulho de mar. Sentamos. Falamos de privilégio, de fé, de beleza, da lua. Ela reflete sobre as ondas. Silêncio. Marianna medita. Eu me percebo. Medito? Meu olho esquerdo arde. Mas estou renovado. Marianna entoava um canto. Pego o meu celular. Começo a escrever esse texto. Me vejo no terceiro ritual do dia. Respiro aliviado.

### **Pula outra linha. Ponto final.**

davi palmeira | nov.2017

---

### **Anexo 5 - Texto Adriana**

O texto segue a mesma estrutura da encenação que é fragmentada e não linear, no que possivelmente pode dialogar com os dois outros textos.

Título da Obra :

Seus pensamentos, crenças, sentimentos, e emoções modificam suas células.

Modificam seu organismo.

Modificam sua imagem.

O corpo é o espelho da Alma.

Antes que me julguem,

eu devo lembrar que vocês não podem,  
vocês não têm condições  
e nem permissões  
pra fazerem isso,  
porque vocês não estão aqui dentro.

- Ou estão?

É como um boomerang. As células modificadas exteriorizam-se, e o reflexo dessa nova imagem, volta pro interior, pro consciente, carregando o arrependimento, a culpa, pela má ação, pelo mau pensamento, pelo mau sentimento ou pela incompreensão dos fatos.

“Os olhos são as janelas da Alma.”

O externo é o reflexo de como está dentro, ou o que aconteceu um dia, dentro. As marcas, as características internas e externas, são o reflexo de nossa existência. Das nossas atitudes.

Pessoas amarguradas ficam feias e pessoas feias ficam amarguradas. Até o cabelo fica triste. E só a felicidade, ou a invenção dela, seria capaz de nos restaurar. Tudo parte da Alma. A doença e a cura.

O corpo é o tempo e o templo da Alma.

“ A candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz;

Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!”

A gente só se dá conta do que foi necessário, depois. Bem depois. E tudo o que é, precisa ser.

É conseguir entender o que acontece dentro.

Eu estou tomando chá.

Eu nem gosto de chá. Mas colocaram na mesa, e como eu hoje, não tenho quase nada dentro, eu peguei. Não tem açúcar. Mas é bom. Tem erva doce, gengibre.

Também não gosto de gengibre.

O que eu tenho, você tem. O que você tem eu tenho.

“Deus é um encontro de “Eus”, Marcio Libar disse isso.

Tem paredes na vida da gente, que na verdade são lençóis.

Eu queria dizer que eu o amo. O amo muito. O amo tanto.

Talvez, na verdade, seja uma parede assim, a que me impede. A que me separa dele. Olhando bem...ela voa com o vento...como as cartas que eu não entreguei.

Eu te pertença

Somos feitos da mesma luz. Do mesmo amar.

Sinto muito

Me perdoa

Eu te amo

Sou grata

A parte do outro que está em mim, sou eu. Eu me tornei Ele.

“Quem não compreende seu silêncio, não compreenderá suas palavras”

A partir dos 25 anos acontece a queda gradual do colágeno. Após aos 30,

perdemos 1% ao ano. O colágeno forma e sustenta os tecidos internos e externos do corpo.

O corpo produz colágeno a partir da proteína animal encontrada em carnes, leite e ovos. A soja em contato com o hormônio feminino, desencadeia o câncer.

O colágeno atua nas cartilagens, e músculos como o do coração, essencial para os movimentos da diástole e sístole, ou seja, bombear seu sangue. Garantir a vida.

Quando não se consome proteína animal suficiente, o corpo em escassez de colágeno, sequestra o pouco que encontra e o direciona para as áreas vitais do seu organismo, como ossos, cartilagens e fibras musculares. Por último, compõe a pele, cabelo e unhas.

“A gente fica na memória de pessoas que nem imaginamos

E temos memória de pessoas que nem lembram mais da gente.

Já parou pra pensar nisso?

Que você afetou a vida de outro ser.. só que esse ser nunca passa pelos seus pensamentos.

Mas a sua imagem tá lá. Na cabeça dessa pessoa antes dela dormir.

Porque te viu na rua e te achou conhecida... linda.. diferente.

Porque você disse "bom dia" e sorriu no dia que ela ia se matar.

Você já foi o primeiro pensamento da manhã de alguém e o último também.

E você nunca vai saber.

E achamos que estamos sós.

Porque o pensamento é fluído mas a boca é amordaçada.

([1h12 09/06/2017] Camila Scorceli)”

“Talvez não ame mais, mas já amou.

De repente amou o momento e não a pessoa. De repente se amou pelo o que você

se tornava perto de alguém. Ainda que só você tenha amado. Não importa, foi

sincero. No amor, você encontra sua fraqueza. O amor é capaz de bagunçar tudo.

Arrumar tudo. É também a nossa fortaleza. Não há nada melhor que amar e ser

amado. Não há nada melhor que amar cada momento, mesmo que em nostalgia”

(Gisele Fernandes 10/07/2017)”

É como um acidente onde você perde um pedaço seu.

Não é possível esquecer, não se dar conta todos os dias do acidente. Não ver o que te falta. O pedaço que você perdeu pra sempre.

Há um tipo de amor assim.

Há um tipo de existir assim.

Há um tipo de seguir assim.

Possivelmente assim.

Eu não tenho que chegar em lugar nenhum.

Mas quando eu olho pra você eu tenho certeza de que eu não posso desistir de continuar, de seguir.

O espelho não é a realidade. É o que você projeta.

Mas a fotografia não mente. É o que é. E depende da luz que incide no momento.

Quanto de real você acha que eu sou agora?

Aliás, sou bonita pra quem?

E eu vou pra onde com isso?

Por acaso, você vai estar aqui pra me dizer que eu sou bela e feliz todos os dias?

Na verdade, essa minha nova aparência é o resultado de tudo o que eu guardei.

De todo o vulcão de verdades e vazios que eu nunca pude dizer.

Se você consegue ver a Alma, você vai enxergar as belezas de todos os tempos de uma pessoa. Tá lá, no olho, na íris. Íris é sempre íris. A Alma, o resumo de toda uma vida está lá.

Porque os olhos cansados, são tristes.

Mas observe a íris...

O que eu tenho ainda que eu não percebi?

Você pode me dizer?

Metafísica é uma palavra de origem grega e que significa meta = além e física = matéria ", portanto o que está para além da matéria. É uma doutrina que busca o conhecimento da essência das coisas. Ela compreende a esfera psíquica, emocional, energética, espiritual e sentimental. A metafísica parte do princípio de que é a alma que organiza a matéria e não o físico que cria a essência. A raiz dos problemas físicos está na atitude interior, frente às situações do cotidiano. O órgão afetado e o tipo de alteração que ele apresenta revelam como as pessoas se encontram numa determinada área da vida e, metafisicamente, correlacionam-se com aquela parte do corpo. Observando e interpretando os comportamentos das pessoas, pode-se ter uma noção da sua vulnerabilidade à determinada doença ou o fortalecimento de um determinado órgão. O corpo é uma espécie de sensor que acusa o modo como o indivíduo lida com os acontecimentos. Cada parte do organismo reflete uma emoção. Portanto, as alterações metabólicas têm origem no desequilíbrio emocional.

A palavra metafísico significa ir além da causa física para procurar a causa mental que está por trás dela.

Os modelos mentais que mais causam males ao corpo são crítica, raiva, ressentimento e culpa. Por exemplo, com o passar dos anos, o hábito de criticar tudo resultará em doenças como a artrite. A raiva se traduz em erupções e infecções. O ressentimento guardado por muito tempo arruína e destrói o Eu interior e acaba por dar origem a tumores e câncer. A culpa sempre procura castigo e leva ao sofrimento.

Diabetes: Pesar por coisas que poderiam ter acontecido. Grande necessidade de exercer controle. Mágoa profunda. Não ter mais doçura.

Edema: Quem ou o que você não quer largar?

Inchaço: Pensamentos negativos. Criação de idéias que fazem sofrer.

Retenção de líquidos: O que está com medo de perder?

Lado direito do corpo: Representa a doação, a praticidade, o caráter masculino, o homem, o pai.

Lado esquerdo do corpo: Representa a receptividade, a capacidade de assimilação, o caráter feminino, a mulher, a mãe.

Rosto: Representa a imagem que mostramos ao mundo.

Flacidez: A flacidez é decorrência da fraqueza do espírito. Ressentimentos.

Tumores: Acalenta mágoas e antigos traumas. Acumula remorsos.

Tireóide: Humilhação. “Nunca consigo fazer o que quero. Quando chegará a minha vez?”

Hipotireoidismo: Vontade de desistir de tudo. Sente-se irremediavelmente sufocado.

Hipertireoidismo: Raiva por ter sido deixado de lado.

Cravos e espinhas: Não se aceita. Não gosta de si mesmo.

Pele: Nossa individualidade. Representa a sensibilidade.

Paralisia corporal: Medo. Temor. Vontade de fugir de uma pessoa ou situação. resistência.

Astigmatismo: Dificuldade em lidar com o “Eu” Medo de ver a própria Alma.

Olhos: representa a capacidade de ver claramente o presente, o passado e o futuro.

Estrabismo: Recusa em ver o que está além de seu próprio mundo. Objetivos confusos.

Obesidade: Medo, necessidade de proteção. Foge dos sentimentos. Insegurança. Auto rejeição.

Paralisia cerebral: Necessidade de unir a família pela ação do amor.”

Doença Incurável: A esta altura, o mal não pode mais ser curado por meios convencionais. É preciso mergulhar em seu íntimo para efetuar a cura. o que veio do nada para o nada voltará.

De acordo com a metafísica da saúde, as olheiras e as bolsas sob os olhos, significam desistência do projeto de vida.

Kintsugi (Pronuncia kindzuni) é a técnica japonesa onde cola-se os pratos e vasos quebrados com uma cola dourada. Os objetos tornam-se únicos e começam uma vida nova. Os chamados ‘defeitos’ fazem parte da história do objeto. E eles precisam ser aceitos e não escondidos. Nossos ‘defeitos’ e cicatrizes fazem parte do que somos. Do nosso percurso. Não existem pessoas perfeitas, nem mesmo o reflexo ideal de uma suposta realidade de perfeição. Todos nós temos a nossa própria e exclusiva história assim como os objetos partidos do Kintsugi. (O corpo estará desenhado com a tinta dourada/cobre como rios estriados pelo corpo da ponta do pé até o olho direito)

O que está fora, é o reflexo do que está dentro.

Aonde você está inchado? Aonde você transborda?

O que exatamente está cheio?

O que você coloca no vazio que te deixa tão leve?

E o que você tira do cheio que te deixa tão pesado?

O organismo te manda sinais e você não compreende. Porque está dentro. É invisível.

Então ele te mostra por fora, exatamente como num espelho o que está acontecendo por dentro. A dor pelo o que aparece fora, precisa existir para não doer mais dentro. É pra te salvar. Porque se doer dentro por muito tempo, você adoecerá. Sucumbirá. Morrerá.

Sabe a pessoa carrancuda? Ela foi assim primeiro lá dentro por muito tempo. E ela ainda está assim por dentro. Magoada. Ferida. Ressentida. Porque a imagem externa retorna para a interna. É o boomerang. O corpo é o espelho da Alma.

Viver é transformar. A mudança é algo assim, inevitável.

Se aceitarmos que tudo se transforma, muda de acordo com o tempo, de acordo com o que muda dentro da gente, com as ações internas e as intervenções externas, não haverá recusa em ser o que se é. Porque você é exatamente assim agora. Porque está vivendo, existindo.

E é justo. Sempre é justo. Tudo é justo para que haja evolução, melhoramento, para sermos reais em verdade com propósito para o que viemos.

Toda mudança externa reflete a mudança interna.

Por isso é importante viver ao máximo o tempo que se tem hoje. Daqui um minuto não é mais “agora”.

E se você perder algum pedaço nesse tempo, ou lhe crescer algum estranho pedaço, é justo.

Sempre é justo o que acontece com você, para o seu conserto. É pra salvar o que te acontece dentro.

O desequilíbrio nos padrões mentais geram doenças e deformações no corpo.

Segundo a metafísica da saúde, a retenção de líquido está ligada ao abandono, a rejeição, ao medo de usar a intuição.

A flacidez repentina, refere-se a pessoa sem iniciativa pra tocar a vida em frente, falta de vontade. Dificuldade e protelamento em realizar tarefas simples do dia.

A mente exerce controle sobre nossas células e é por isso que elas perdem a energia quando estamos psicologicamente e emocionalmente cansados de “lutar” pela vida ou com medo do “tempo passado”.

Do que você está cansado?

“A gente tem que aprender a se amar de outra forma”

Será que isso está diminuindo, ou eu estou me acostumando?

“O fato de alguém ou alguma coisa existir e ser possível, não significa que eu necessite.”

Eu me torno aquilo que eu reflito.

Eu reflito aquilo que me torno.

Preciso respirar para não desmaiar, não apagar não me perder nos caminhos.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, mais de 800 mil pessoas cometem suicídio por ano no mundo. Isso significa um suicídio a cada 30 segundos. No Brasil, a cada 100 mil pessoas, 6 se matam todo ano. Entre 2010 e 2012, foram 11.821 suicídios. O deprimido, é um descontente com a sua imagem projetada no mundo e a imagem do mundo refletida por ele.

Depressão: Substantivo feminino. A baixamento de nível, causado por peso ou pressão. Achatamento ou cavidade pouco profunda. Abatimento; enfraquecimento físico ou moral; desânimo; esgotamento. Depressão econômica, crise generalizada na economia, que se traduz por inflação acelerada, desemprego, desvalorização dos títulos e ações nas bolsas de valores etc.

A minha planta de flor branca que eu não sei o nome, estava cheia de folhas e flores mortas.

Não que eu não a aguasse mais, mas ela veio com regras sobre poucas águas.

Apenas duas vezes por semana. Eu tirei todas as folhas e flores secas e ela ficou

verde e viva de novo. Só precisava tirar o que estava morto. E ela precisa de pouca água. Se colocar muita, ela morre afogada.

Vou fazer como a planta de flor branca. Me permitir aguar apenas duas vezes por semana.

O sol me deixa feliz. Alegria a Alma.

Será que isso tudo é culpa do inverno? Dos dias cinzas?

A felicidade não precisa exatamente estar dentro de você o tempo todo. Mas se você se alegra com o outro, você se torna feliz também.

É o boomerang.

Mas é preciso libertar. E pra libertar é preciso deixar livre e aceitar. Dizer o que sente. Eu te amo!!! Eu te amo!!!! Eu te amo!!!!

Amou um dia. Não ama mais. As coisas mudam.

Gozar é bom. Relaxa. Você extravasa. Acalma. Fica manso. Esvazia.

Daqui a quinze, trinta minutos, o vazio começa a encher de novo. Isso não acaba nunca.

O que está dando certo na sua vida?

Sua imagem depende muito do que te reflete. Varia com o formato e a densidade do espelhamento. Da luz que incide sobre os relevos do objeto. A imagem só é vista porque existe uma determinada luz. De acordo com essa luz, vê-se mais ou menos sobre o objeto.

Quando as águas embaçam a visão, não é impossível enxergar o céu. Mas ele está lá. Ele está lá, bem azul e bem lindo.

A mesma coisa é a poeira. Você limpa. Se ela ficar num canto, o vento sopra e espalha tudo de novo. Você respira, tosse e arde os olhos. Se você limpar de novo e jogar no lixo, não resolve muito o problema, porque novas poeiras sempre chegarão pelo ar. A poeira sempre existirá.

Qual o espelho que te reflete tão mal?

“A imaginação é o desejo de querer algo projetado”.

Eu creio no que alguém imaginou ser o melhor.

“Todo olhar é contaminado.”

Não quero ninguém invadindo os meus olhos.

Eu agora só vejo isso nas pessoas.

O que está dentro, modifica o que está fora, que retorna modificando o que está dentro. É o boomerang.

“O teatro é o lugar pra perder”

O quanto você vai precisar perder ainda pra assumir o seu verdadeiro eu?

Processo é o que está acontecendo.

Processo é a transformação. Passagem. A vida é um processo

Você sempre é um canal pra alguém.

Na pintura, você consegue manipular a verdade. Na fotografia você não consegue fugir - É você.

Como você se pinta? O que você pinta? Por que você pinta? Quem você pinta?

(Dialoga com Camila desenhando)

A imagem só existe porque uma luz incide sobre o objeto. Sem luz, não há imagem

que seja vista pelos olhos. Somente a imagem que se escuta. Ou a que se imagina escutar.

O que é feio no outro, é o seu reflexo projetado nele. - Ou seja, o que você julga ser feio em você. A gente só vê o que a gente quer. E normalmente vemos nos outros o que nos é mais relevante.

Eu existo com os meus olhos.

Mas se você se concentrar na minha íris, na cor do meu olho, no brilho do meu olho, você vai ver a minha Alma.

Tudo o que está em volta é apoio. Apoio pra Alma se expressar aqui.

“O corpo é o veículo pra alcançar o seu sonho.” - Mas e se o teu sonho está exatamente onde o seu corpo não o deixa ir? O que fazer? Mudar o sonho? Mudar o corpo? Mudar a Alma? Tornar-se outro? O que é possível fazer para continuar a existir?

Eu o amei com tudo o que eu tinha.

Mas de que adiantava a minha beleza? Ela não conseguiu o seu amor.

Quando é dentro, ninguém vê. Dá pra esconder.

Antes acontecesse só dentro. Ficasse lá dentro.

Eu disse “ Eu nunca mais quero ver você.” Agora, como eu estou, não tenho coragem de aparecer pra você. (Fotos)

A sombra só existe porque há o relevo. A luz incide sobre o relevo e causa a depressão. Provoca a sombra.

Perdoar significa soltar ressentimentos, mágoas e culpas. Libertar o que aconteceu e olhar para frente.

Quanto mais perdoamos, menos bagagem interior carregamos, gastando menos energia ao alimentar as feridas do passado.

O perdão é uma atitude inteligente daquele que busca viver bem e quer seus caminhos livres, abertos para a felicidade.

Quem não sabe perdoar os outros e si mesmo, fica ”energeticamente obeso”, carregando fardos passados.

É como o boomerang - pensamentos, sentimentos e emoções modificam a carga genética. As células modificadas exteriorizam-se, e o reflexo dessa nova imagem, volta pra dentro carregando o arrependimento, a culpa, o remorso pela má ação, pelo mau pensamento, pelo mau sentimento ou pela incompreensão dos fatos.

---

## Anexo 6 - Texto Camila

Resumo da pesquisa-contexto.

Pela intersecção entre as histórias de mulheres vítimas de ataques de ácido na Índia, e a minha própria história com o espelho e a imagem que tenho sobre mim.

.....



Os ataques ácidos têm um efeito catastrófico na carne humana e nos órgãos vitais. Na maioria desses ataques, são utilizados ácido clorídrico e sulfúrico. Estas substâncias corrosivas causam o derretimento do tecido da pele. Os ossos das vítimas se tornam expostos e, às vezes, o ácido dissolve os ossos também. Além disso, se o ácido entrar nos olhos da vítima durante um ataque, como é comum nos casos de ataque ácido, danifica esses órgãos vitais permanentemente. Muitos sobreviventes de ataques de ácido perderam um ou ambos os olhos. Como resultado de desfiguração e deficiência, as vítimas estão permanentemente debilitadas e são forçadas a abandonar suas vidas públicas, trabalho e educação. A este respeito, a compensação para cobrir cirurgias vitais para as vítimas que não podem mais se sustentar torna-se imperativa.

O ácido come através de duas camadas da pele - a gordura e o músculo por baixo - e às vezes não só come até o osso, mas pode até dissolver o osso. A profundidade das lesões depende da força do ácido e da duração do contato com a pele. A queima continua até que o ácido seja completamente lavado com água. Jogado no rosto de uma pessoa, o ácido rapidamente come nos olhos, ouvidos, nariz e boca. As pálpebras e os lábios podem queimar completamente. O nariz pode derreter, fechar as narinas e as orelhas se encolherem.

Os ataques ácidos, como outras formas de violência contra as mulheres, são fenômenos sociais profundamente incorporados em uma ordem de gênero que historicamente incentivou a dominação masculina sobre as mulheres e justificou o uso da violência para manter as mulheres em seus lugares.

Os casos passados revelam motivos de vingança, sadismo e ação coerciva.

As principais causas são:

- Disputas familiares; violência doméstica; conflitos de relacionamento
- Recusa de propostas indecentes, de casamento ou proposições inaceitáveis
- Disputas de terra ou de dinheiro; conflitos de negócios
- Inveja e ciúme
- Suspeita de infidelidade
- Roubo seguido de ataque
- Identidade equivocada; acidental; colateral
- O perpetrador inflige uma autolesão
- Crimes sexuais, estupro e sodomia - levando à morte da vítima nos piores casos

## Desfiguração

*Uma das consequências do ataque do ácido que mais choca aos olhos da vítima e dos outros. Quando a vítima não morre as sequelas na aparência são praticamente irremediáveis. Como reestabelecer a autoestima que antes foi cunhada a partir de fatores externos/estéticos? Como não se aterrorizar com o mal infligido por outro? As marcas da violência ultrapassam a carne e se alojam na própria noção de valor de si. A*

*ideia de identidade formada pela imagem que se vê todos os dias no espelho e pela qual você se reconhece não existe mais. Qual a força motora, em qual mundo interno iremos nos agarrar para a partir de agora? Temos, construímos ou cuidamos suficientemente dos outros aspectos do nosso ser para ter essa força além da imagem superficial de nós mesmos?*

O ácido pode rapidamente destruir os olhos, cegando a vítima. Pele e osso no crânio, testa, bochechas e queixo podem dissolver. Quando o ácido salpica ou escorre pelo pescoço, no peito, nas costas, nos braços ou nas pernas, ele queima todas as plegadas da pele. O maior e mais imediato perigo para as vítimas é a insuficiência respiratória. A inalação de vapores ácidos pode criar problemas respiratórios de duas maneiras: (a) provocando uma reação venenosa nos pulmões, ou (b) fazendo com que o pescoço incha, o que reduz a via aérea e asfixia a vítima.

Quando as queimaduras de um ataque ácido se curar, elas formam cicatrizes grossas que puxam a pele muito apertada e podem causar desfiguração. Por exemplo, as pálpebras podem não mais fechar, a boca pode não abrir mais, e o queixo fica soldado ao peito.

Os seguintes são detalhes sobre as consequências físicas:

- Crânio: pode ser parcialmente destruído ou deformado. O cabelo é muitas vezes perdido.
- Frente: a pele pode encolher, como se bem esticada e ter cicatrizes.
- Orelhas: pode ser encurralado e deformado. A surdez pode ocorrer imediatamente ou mais tarde. A cartilagem no ouvido geralmente é parcialmente ou totalmente destruída, expondo a vítima a futuras infecções e perda auditiva.
- Olhos: contato direto com ácido ou vapores ácidos podem danificar os olhos, causando cegueira. Mesmo que os olhos sobrevivam ao ataque ácido, eles permanecem vulneráveis a outras ameaças que podem causar cegueira durante a recuperação da vítima. As pálpebras podem ser queimadas ou podem ser deformadas por cicatrizes, deixando os olhos secar e ficar cegos. Isso é muito difícil de prevenir.
- Nariz: pode tornar-se enrolado e deformado. As narinas podem fechar completamente porque a cartilagem é destruída.
- Mandíbula: pode ser marcada e deformada.
- Boca: encolhida e estreitada, pode perder a forma. Os lábios podem ser parcialmente ou totalmente destruídos. Os lábios podem ser inflamados permanentemente, expondo os dentes. O movimento dos lábios, da boca e do rosto pode ser prejudicado. Comer pode ser difícil.
- Queixo: As cicatrizes podem correr para baixo, soldando o queixo no pescoço ou no peito
- Pescoço: muitas vezes está gravemente danificado. Pode ter um cordão grosso de carne com cicatrizes escorrendo do queixo para a parte superior do tórax, ou uma

área larga, com grande cicatriz, de um lado do pescoço. A vítima pode ser incapaz de estender o pescoço, ou a cabeça pode constantemente se inclinar para um lado.

· Peito: Muitas vezes fica mal marcado. O baú pode ter linhas estreitas de cicatrizes ou manchas largas de cicatrizes de salpicos ácidos ou gotejamentos. Nas meninas e mulheres jovens, o desenvolvimento dos seios cessa, ou os seios podem ser completamente destruídos.

· Ombro: pode ter uma marcação grave, especialmente em torno da axila, o que pode limitar o movimento do braço da vítima. Em alguns casos, um ou ambos os braços superiores da vítima podem ficar presos como cola nos lados do corpo.

## Trauma

As vítimas de ataques não só sofrem dores e trauma físicos graves, mas também trauma mental que altera a forma como eles sentem e pensam. O trauma psicológico é causado tanto pelo que as vítimas do terror sofrem durante o ataque, como sentem que a sua pele está queimando e o que eles sofrem após o ataque em relação à desfiguração ou às deficiências com as quais eles têm que viver para o resto de suas vidas. As vítimas sofrem sintomas psicológicos como depressão, insônia, pesadelos, paranoia e / ou medo de enfrentar o mundo exterior, dores de cabeça, fraqueza e cansaço, dificuldade em se concentrar e lembrar coisas, etc. Eles se sentem deprimidos perpetuamente, envergonhados, preocupados e solitários.

Normalmente, as vítimas de queima de ácido sofrem sérios sintomas psicológicos por anos, se não por sempre, porque são constantemente lembrados do ato violento por suas cicatrizes físicas. O sentimento de falta de esperança e de valor nunca pode deixá-los.

<http://www.asfi.in> – Acid Survivors Foundation India

## Saudades de mim.

Aos seis ou sete anos de idade eu sentava em frente ao grande espelho no armário da minha mãe e me observava, ainda sem pensar sobre o bonito ou feio. Só encarava, tinha uma coisinha viva sendo refletida ali, olhando para mim e buscando talvez a mesma coisa: o que eu era? Não. A pergunta não era “quem sou eu?”. Antes disso... bem antes. O que eu era? Que formas são essas? E tocava as bochechas com a ponta dos dedos, essa carne macia que envolvia o duro dos ossos da minha face. Esses olhos porquê? Via algo dos meus pais em mim mas eu não era uma cópia. Eu era outra coisa, nova e inédita. Ou talvez uma releitura de alguém que viveu muito antes de mim. A imortalidade de um rosto talvez, que se repetiria de séculos em séculos, afinal, talvez nem a natureza fosse tão criativa nas formas assim. Mas naquele momento, eu só conhecia eu do jeito que eu era. Me sentia entre curiosa e invadida por aqueles meus olhos que se refletiam e me perguntavam a mesma coisa, aquilo que eu também não sabia responder ao certo. Às vezes sorria dessa cumplicidade que tinha com meu reflexo, buscando as mesmas respostas. Era como se estivesse me acostumando com a minha forma. Vindo de um branco leitoso absoluto anterior e agora na forma de uma garotinha. Um corpo de certa forma limitado para quem vinha desse “branco” infinito anterior. Só tinha quatro membros, são vinte dedos... Porque não uma pá ou uma garra?

Olhava cada pedacinho com uma angústia para entender porque não era pássaro, cachorro, peixe. Seria tão mais fácil não pensar sobre si mesma, apenas ser no mundo, sem complicações. Só se preocupar em respirar, mas isso a gente já faz sem pensar. Ser o mais próximo do “branco”, uma ameoba talvez. Não, eu não sabia o que era uma ameoba aos sete anos.

Aquele espelho me mostrava como um rosto comum. Para mim todos os outros rostos que não eram o meu eram maravilhosos nas suas diferenças, eram versões muito mais interessantes do meu próprio rosto. Era como se alguém tivesse que desenhar o rosto mais simples possível em um papel: um círculo, como rosto, mais dois menores como os olhos, um traço como o nariz e uma meia-lua como a boca. Esse era o meu rosto. E não digo isso como coisa negativa, era apenas como eu estava tentando entender a minha forma. Mas eu era só forma? Pensava sobre isso então deveria ter algo a mais, me angustiava precisar das respostas e quais as perguntas eu nem sabia fazer direito! (Pausa) ... Mas para enlouquecer e como ironia da genética, não, eu também não sabia o que era genética aos sete anos), eu tenho um pequeno sinal acima da boca do lado direito do meu rosto. Um ponto final colocado perto da minha boca, da minha fala e que me acompanha até hoje. Um sinal é um ponto de interesse em um rosto, um ponto de atenção, atenção que eu não pedi, que eu não queria. Calma, não é o fim do mundo, não é assustador ou nada disso. É fora da ordem das coisas, não sou tão comum assim, não era o desenho ou rosto primordial, era comum de um jeito bom. Era um comum sendo diferente como os outros (os quais os rostos eu achava interessante) foi o primeiro traço do meu rosto que me trouxe a noção de identidade naquela menina que ficava hipnotizada pela sua normalidade” diante do espelho. Aquela seria a minha diferença no mundo dos rostos, ingressaria finalmente para um rosto como os outros, e não como um desenho simplório de sei-lá-qual-artesão que tinha me “desenhado” numa folha qualquer, no mundo.

Você procura seus reflexos nos objetos? Andando pela rua sempre existe algo que te reflete, seja um carro encerado, um vidro extremamente limpo, uma poça suja no asfalto. Estamos sempre à procura de nossos reflexos, um misto de vaidade e preocupação com o jeito que podemos *parecer estar* (*o ser nesse momento é o que menos importa*). Conferimos os cabelos ao vento, checamos se há comida nos dentes e se a roupa está assentada perfeitamente no corpo. Afinal, não queremos que nos leiam errados ou pensem algo ruim de nós. (Ruptura) - *Eu não quero! Ah, eu juro que sou boa, agora eu preciso provar que sou boa e justa e bela! Eu preciso que você saiba que o que fizeram comigo não foi porque fiz algo de errado, que eu merecia. Eu quero que o bem em mim, minhas virtudes e qualidades estejam ligadas à minha aparência, e como que não poderiam estar? Como um ladrão pode ser belo? Um assassino com o rosto encantador? Uma mentirosa que peca pela boca e pelas injúrias ser dona de um sorriso perfeito?* Uma última olhada no espelho antes de sair de casa, um beijo, um encostar de lábios com a superfície fria se nos sentimos lindas, uma falsa, mas tão real sensação de amor por nós mesmos. Se acaso a paixão pelo rosto se tornar reversa evitamos o reflexo, abaixamos as luzes, dizemos terríveis coisas para nossa imagem. Que existe, que não tem culpa, que não poderia ser de outra forma, que é ancestral sendo inédita e que é

apenas nossa. É muito fácil se odiar pela imagem, mas o contrário é uma das coisas mais difíceis de se conseguir.

Relato 1 –

Apala Amuradha (significa A mais bonita, uma brilhante estrela), prazer. Pode ficar, por favor, fique. Não pense mal de mim, não é por má educação. Fico mais confortável assim, (de costas) tudo bem? (Pausa). Aceita chá? Por um tempo não pude beber chá. A minha bebida favorita. Imagina só! Foram 16 meses.... Quando o ácido foi jogado no meu pescoço parte do meu esôfago derreteu, sim, a carne e todos os tecidos inclusive ossos derretem..., mas agora já posso tomar pequenos goles. (Pausa). Faz um tempo que não vou lá fora (movimento de olhar por uma janela). O sol não é amigo nesse momento, mas eu lembro que de manhã eu gostava de fechar os olhos e sentir o calor no rosto.... Calor no rosto. Não... desculpe, mas agora acho que nenhuma sensação no mundo pode ser melhor que a água fresca no rosto. Eu ainda tenho alguma sensibilidade na testa então molho os dedos e passo por ela, fria, uma delícia. Experimente de olhos fechados quando puder. A água não tem medo do meu rosto, me abraça e alivia, sinto uma felicidade sem tamanho com a água.

Ah desculpe, às vezes eu emendo um assunto no outro. Mas fica por favor, não recebo mais tantas visitas... O que aconteceu comigo? (Pausa). Um ato... foram 10? Talvez 15 segundos no máximo. Ácido sulfúrico. Eu só lembro de gritar e gritar até arrebentar e perder todo o ar dos pulmões e senti queimando e a pele do meu rosto deslizando da minha face. Sou uma mulher sem rosto, porque meu nariz derreteu, sem lábios.... Estou feliz que você está aqui perto sem medo, mas você não deveria me encarar. Quando é o seu rosto você não pode cobrir o tempo todo. Somos perecíveis, isso não é nenhuma novidade, é como se eu tivesse adiantado o processo... que a minha consciência não corresponde mais a minha imagem.

Você sabia que a maioria das sobreviventes perde a visão de um ou ambos os olhos? Ah, sim... outras pessoas são sobreviventes, muitas, o mal existe e o mal se repete... o ódio do outro já me doeu tanto, algumas cicatrizes que você não pode ver. Olhos são tão delicados, quando um pequeno cisco entra no seu olho é tão irritante, não é mesmo? Imagina senti-los desintegrando dentro de suas órbitas... (pausa).

Mas eu vejo, mais ainda... eu enxergo! Por castigo ou caridade eu ainda tenho meus olhos. Eu ainda vejo todo o mundo, além do meu reflexo... que é meu e me aterrorizou por tanto tempo.

Eu já não sou mais a mesma, nem por fora nem por dentro. Quando percebi que não tinha mais uma imagem de antes para me apegar, descobri que poderia ser o espelho do mundo. E eu escolhi ser o espelho da beleza desse mundo. “ Com este meu EU estabeleço todo o Universo” A única coisa que eu posso fazer é me apegar ao meu ser ... algo que eu tinha esquecido, e que pouco cuidei durante a minha vida.

Eu não morri, alguns me disseram que era melhor morrer, que não imaginariam viver como eu estou agora... A minha casca, minha concha, minha casa que é meu corpo protegeu aquilo que é o mais importante: meu ser. Eu continuo aqui. Só é real o que permanece.

Eu sou como a fumaça de um incenso, por desapegar de toda a forma, posso ter qualquer forma.

# A LEI

por André Sant'Anna

Eu nunca percebi isso, mas eu sou muito burro. Não parece nem que sou eu que estou pensando isso tudo que eu estou pensando agora. E muito menos que sou eu que estou pensando nessas palavras que estão saindo do papel. Eu não sei juntar as palavras e fazer com que essas palavras, juntas, ganhem um sentido. Eu não conheço gramática, nem nada dessas coisas de escrever. Eu não estou escrevendo. Eu só estou pensando que eu estou escrevendo. É que eu sou burro. Sabe por quê? Porque eu sou da polícia. E na polícia todo mundo é burro. Tem que ser burro para ser da polícia. Essa polícia da qual eu faço parte (viu como eu pensei estar escrevendo bonito esse negocio de “da qual”? Na polícia, ninguém fala “da qual”) só tem gente burra que nem eu. Nós, essa polícia, só sabemos mesmo é dar porrada, é fazer tráfico de arma. Tráfico de drogas também. Nisso, a gente até que é inteligente. Nós somos covardes demais. Mas nós não temos culpa. A gente nasceu pobre. A gente veio de uns lugares onde não tem a menor condição. Lá, nesses lugares horríveis, só da três tipos de gente, a gente: bandido, polícia e otário. Os bandidos são os caras maus que têm coragem. Os polícias são os caras maus que são covardes e os otários são o resto, são os bonzinhos que são covardes, os mais covardes de todos, são os trabalhadores que ganham uma merreca de salário, pegam não sei quantas conduções para chegar no trabalho, trabalham o dia todo, chegam em casa tarde, comem uma comida ruim, comem umas mulheres feias, horríveis, e vão dormir. Nem pra ver um pouquinho de televisão esses otários burros covardes têm tempo. É só trabalho, comida ruim, mulher feia e noite mal dormida. Eles acham legal serem honestos. Mas não é honestidade não. É covardia mesmo, medo de tudo, medo da vida, medo da felicidade, medo até de mulher. Os bandidos já são o contrário. Eles logo percebem que, trabalhando, ninguém chega a lugar nenhum. Ninguém que eu digo somos nós, os pobres, ninguém. Nós, que nascemos nesses lugares horríveis, onde a gente e já nasce morto. O certo seria dizer “a gente já nasce morta”, mas, com as palavras, quando é alguém que sabe escrever, que é profissional das palavras, esse, o que escreve, pode cometer esse erro de propósito, que é para o texto ficar mais natural, mais parecido com o jeito como as pessoas falam. É uma

parada naturalista. E as pessoas, pessoas mesmo, falando, falam errado mesmo, sem problema. Por exemplo, quem fala “eu a vi” é quem é burro, mas acha que não é burro só porque usa corretamente a regra gramatical. Quem sabe escrever de verdade, não se importa. Quem tem segurança com as palavras, com a linguagem, escreve, fala, é “eu vi ela” mesmo. Eles, esses caras que tem segurança com as palavras, morrem de rir quando escrevem “eu vi ela” e o computador põe aquele sublinhado verde que avisa quando o cara que está escrevendo e comete um erro gramatical. Mas eu não sei nada disso, porque eu sou falso, eu não existo, eu sou apenas um personagem na primeira pessoa, um personagem muito estranho, que é burro, é da polícia. É que o autor desse texto, que sou eu, mas não sou eu, porque eu sou um burro da polícia, igual a todos os outros burros da polícia, já que na polícia todo mundo é burro e é violento e é corrupto e é covarde, está, ele, o autor, que é legal, fazendo uma experiência. Ele está escrevendo literatura experimental, livres associações, esses recursos, sabe? Vanguarda. Metalinguagem. Essas porra. Os bandidos sabem que a única maneira, para nós, que não sabemos falar direito, que não sabemos o que é clitóris, que não sabemos errar na gramática de propósito, que não sabemos escrever errado para fazer experimentações de estilo, metalinguagem, essas porra, temos para comer uma mulher razoável, é sendo bandido, é ganhando espaço no mundo, na vida. Não digo nem essas mulheres de foder que aparecem na televisão, nas revistas, que a gente vê na praia do lado daqueles caras todos fortinhos, todos de carro bacana, que também não entendem nada desse negócio de livres associações, vanguarda, pós-modernismo, essas porra. A gente, quer dizer, eles, os bandidos maus corajosos, come é mais é essas mulheres melhorzinhas daqui do morro mesmo, umas mulatas redondinhas, com umas bundinhas lisinhas, umas pernocas fortes, uns dentes branquinhos, essas égua, essas porra. Os bandidos sabem que o único jeito de comer essas porra é ficando poderoso, é ficando dono do morro, é vendendo pó, é matando os inimigos. Eles, os bandidos, não são burros não. Eles não têm estudo, essas coisas, essas porra, mas eles são espertos pra cacete. E esperteza é a mesma coisa que inteligência. Esse negócio que eu disse, que nós é tudo burro, não é bem assim. É que, a nível de personagem na primeira pessoa, eu estava achando que ia causar um certo efeito começar esse texto dizendo que “eu sou muito burro”. Quer dizer, eu, a nível de si, sou burro sim, mas não é todo mundo lá no morro que é burro. Não é todo mundo que é pobre, que não foi à (saca só a crase, o acento grave) escola, que é burro. Saca, você, aquela parada, né? Instrução não tem nada a ver com inteligência. Mas são burros sim, os bandidos. Tanto é que eles morrem cedo. Mas também não é por falta de inteligência. É que tem um lance de viver a vida toda de uma vez só, de ir vivendo, cheirando pó, comendo aquelas gostosas das quais eu falei, vivendo intensamente com a rapaziada, fazendo festas, dando tiro pra cima, curtindo essa parada de ser bandido, lá no alto do morro, aquela vista de foder do rio de janeiro, mais as estrelas, a lua, as naves espaciais extraterrestres, os caras, os bandidos lá, doidaços, numa transa transgressora marginal, tá sabendo cumpadi? Quando dá lua cheia é de foder. Pra eles. Pra mim, não, que eu sou um burro da polícia. A gente, nós, da polícia, também temos as nossas transas, mas é uma transa menos astral, menos romântica. A gente, da polícia, é muito baixo astral. A nossa transa é mais uma parada de mexer com as empregadas domesticas que passam na rua. É mais uma transa de andar na viatura com a metralhadora pra fora

da janela, falando umas coisas meio escrotas para as domesticas, fodidas, burrinhas pra cacete, tímidas, envergonhadas delas mesmas. Aí, a gente, que é burra, que é burro quer dizer, que nós é macho, fala umas coisas assim: “Aí hein! Que cuzão! Fica esperta aí, se não eu arrombo esse rabo!” Aí, elas, as neguinha, essas porra, que já são umas pobres coitadas, sem família, sem nenhuma felicidade nessa vida, sem nenhuma vida nessa tristeza, ficam tudo apavoradas, baixam a cabeça e tentam desaparecer da existência. Então, a gente, a policia, fica rindo. Mas a gente que é burro, que é burra – o certo é “a gente é burra” – não faz nenhum mal, mal mesmo, pra essas porra de empregada domestica. É só um mal psicológico, um mal sociológico, uma parada de os mais fracos que se fodam, porque nós, que somos burros, que somos parte da polícia, essas porra, temos essa parada também, de sermos também fracos. Estamos perdoados porque não sabemos o que estamos fazendo, e essas porra é que são a parada psicológica e a parada sociológica, essas porra. Nós não sabemos o que estamos fazendo, porque nós somos burros, porque nós somos a polícia e polícia é tudo burro. Mas, tirando a parada da metalinguagem, essas porra, a gente, nós, os bandidos da polícia, burros, faz, fazemos, na prática, na real, é uma parada de gostar mesmo, é uma parada na região genital mesmo, uma parada freudiana mesmo, entre o pau, a libido, e a sacanagem, a maldade, coisa que a gente sente, no pau, quando pega um mendigo, desses acabados, esses que só estão esperando morrer, esses que já desistiram de tudo, que comem resto de sorvete misturado com bituca de cigarro, misturado com resto de cocô de fralda de criança, esses que já têm um monte de ferida espalhada pelo corpo, a cara toda inchada, o pé todo inchado, aí, então, a gente, os covardes, os burros, gostamos, no pau, na libido, de ficar chutando esse mendigo, gosta de ver ele, de o ver vomitando sangue, gritando muito no começo e depois indo perdendo a força, todo arrebatado, até começar a gemer baixinho, a gemer quase morto, quase não sentindo mais nada, porque a gente faz ele, o bosta, o mendigo, o otário, não sentir mais nada naquele bolo de carne e sangue e pinga é uma morte viva a ele, aquele troço desfigurado que a gente chuta na cara, gemendo, dá um tesão na gente, que somos burros profissionais, dá um tesão que vai além da libido, da sexualidade. O tesão que a gente sente é o tesão da burrice, o tesão da maldade, do poder que só é possível ser sentido por quem é muito fraco, muito burro, muito mau. Mas a gente, que é, que somos, animal, burros, sente mais tesão, mesmo, é quando a gente pode dar porrada em mulher. Aí é tesão mesmo, mesmo quando a mulher é feia, é mendiga. Porque, nesse caso, tem a buceta também, onde a gente pode enfiar umas coisas, pode enfiar o cano do revólver, pode enfiar garrafa quebrada, pode enfiar faca, enfiar e tirar, enfiar e tirar, enfiar e tirar e ir rasgando tudo e fica saindo sangue e a gente, que é da polícia fica rindo. E a risada que nós rimos vai ficando cada vez mais gutural, cada vez mais animal, e isso é o tesão que faz isso com nós, a policia. É a libido. Não tem essa parada de sadomasoquismo? Tem, sim. Tem na internet que está unindo o mundo, que está globalizando as diferenças, que está globalizando as minorias, criando a Aldeia Global, aquela parada do McLuhan, essas porra que eu não sei o que é porque eu sou polícia, burro. Então... essa parada de sadomasoquismo, que dá tesão, é o que eu sinto quando eu rasgo buceta de mendiga com a faca. De vez em quando, até da pra fazer essas porra com mulher que não é mendiga também. É mais raro, mas rola também. Tem umas putas que são muito gostosas e são sozinhas no



mundo, sem ninguém pra protege-las, para denunciar a gente. Aí, a gente, nós, aproveitamos, aproveita. Junta uns cinco, burros, maus, polícia, e é a maior sacanagem. Todo mundo, os cinco, nós, come, comemos, comemos, a puta. Um põe o pau na buceta da puta, o outro no cu, outro na boca (pra botar o pau na boca, tem que ser no começo da sacanagem, quando a mulher ainda está com medo e a gente pode ameaça-la – gramática perfeita – porque, no final, a mulher vai estar tão fodida, tão sem nada a perder, que, para ela, aquela piranha, morder o pau da gente não custa nada e nem adianta mais ameaça-la com mais porrada, mais facada na buceta, mais tortura, mais nada, porque ela, aquela vaca, não vai estar mais sentindo nada, nem dor nem medo, nem nada, nada, nada, nada, nada, nada, nada... nada. Aí ela morde mesmo, na maior), outro no sovaco, outro no nariz. Você já enfiou seu pau na narina de uma mulher? Eu já, porque eu sou da polícia. Então, a gente fica horas e mais horas fodendo a puta, batendo na puta, rindo na cara da puta, enfiando coisas no cu e na boceta da puta. A gente, policia, é burro, mas tem muita imaginação. Você já enfiou um livro no cu de alguém? Eu já, que sou da policia e enfiei uma lista telefônica no cu de uma putinha, uma vez. Era menina ainda, uma dessas paraibas, menor de idade, dessas que chegam aqui no Rio com motorista de caminhão, dessas que não tem carteira de identidade, certidão de nascimento, pai, mãe, infância e, depois de passar pela mão da gente, não tem nem mais cu, só um buraco cheio de sangue e cocô e umas gosmas amareladas, uns negócios meio nojentos que saem de dentro do intestino. O segredo é ir alargando o cu da criança aos poucos. A gente, que é da polícia, primeiro enfia um pau, pau mesmo, depois uma peixeira, depois, rasga, aí vai enfiando o que tiver à mão – esse acento grave não é coisa de polícia – aí tem uma hora que cabe qualquer negócio, qualquer troço. Mas a gente, que é da polícia, que trabalha com essas porra de lei, tem que tomar cuidado na hora de fazer essas porra, porque, se a gente faz essas porra na pessoa errada, aí fodeu. Por exemplo, criança, que nem essas putinha aí que eu falei. Na maior parte das vezes, dá para ver só pelo jeitão. A gente logo vê que a criança é sozinha, que ninguém vai notar a falta dela, etc. Mas, às vezes – crase em “às vezes” também é difícil de policia, burros, eu, usar – a criança tem alguém que a protege, e não protege ela, que passa sempre pelo sinal onde ela, a criança, vende chicletes, essas porra. Aí, a gente, os policiais, pega essa criança, enfia um monte de coisa no cu dela, arrebenta ela, quer dizer, a arrebenta, e, depois, a joga num desses matos por aí, põe fogo no corpo, joga as cinzas no rio, essas porra toda. Aí, essa pessoa que gosta daquela, dessa, criança, um dia passa lá naquele sinal, não vê a criança na qual foi enfiada uma lista telefônica no cu, da qual foi arrancada o intestino, com ela, aquela porra de criança ainda viva, e a pessoa, essa que sempre comprava chicletes daquela porra de criança, que sempre batia uma papinho com aquela porra de criança, que até pensava em, numa hora dessas, botar aquela porra de criança para casa, dar um banho naquela porra de criança, dar um prato de comida praquela porra de criança, comprar umas roupas praquela porra de criança, adotar aquela porra de criança, levar aquela porra de criança para passar férias em Nova York, para esquiar em Aspen, apresentar aquela porra de criança pretinha, toda vestida de vestidinho cor-de-rosa, no natal, para o resto da família e ficar essas porra todas tudo feliz e alegre, sendo boas pessoas, muito longo esse período para um polícia burra que nem eu, essas porra, porra, aí essa pessoa pergunta pras outras crianças, aquelas porra,

cadê aquela porra de criança que eu, aquela pessoa do Audi prateado, sempre conversava, de quem eu sempre comprava chicletes. Aí, as porra das outras crianças dizem que não sabem, que passou um camburão e levou a criança que teria o cu arrombado por uma lista telefônica. Aí, essa pessoa do Audi prateado era alguém que é importante, alguém que possui uma grande firma, com muitos funcionários bem remunerados, mas que trabalham o bastante para render lucros inesgotáveis para a pessoa dona do Audi prateado, naquela porra de esquema da mais valia, aquela porra que Karl Marx, aquele cara do comunismo, essas porra, inventou, e essa pessoa do Audi prateado fica meio cabreira, querendo saber daquela porra de criança que parecia que não tinha ninguém no mundo olhando por ela, aquela porra. Aí, porra, fodeu. Aquela porra de pessoa do Audi prateado é amiga do governador, de uma meia dúzia de delegados, de uns foidões da corregedoria e aí, porra, fodeu pro nosso lado. Eu sou burro, porque eu sou da polícia, mas eu não sou o mais burro de todos, porque eu sou uma primeira pessoa que nunca se dá mal nessas porra de metalinguagem, mau, porque esse negocio de os maus se darem mal no final da história é meio babaca, nem em novela de televisão os maus se dão mal no final mais e a porra da metalinguagem, da primeira pessoa de vanguarda, essas porra, quer dar uma lição nessa porra de sociedade injusta que premia os injustos, a mais valia, a metalinguagem, os artifícios, as conquistas da literatura contemporânea, as vanguardas, o hiper-realismo realismo, essas porra. Aí, eu nunca me dei mal, mesmo já tendo enfiado lista telefônica no cu de criança. E nem vou me dar mal que é pra dar exemplo. Mas eu sofro depois, agora, porque eu não sou mais aquele mesmo burro polícia que é burro polícia. Agora eu sou uma primeira pessoa pós moderna, que não tem dono, que é metalinguagem, que é o fascismo metalinguado dessa porra de autor fascista que leu uma vez o Glauber Rocha dizendo que botava o Antonio das Mortes atirando no povo, que era para expurgar de si, dele, do Glauber, o fascista que também habitava na metalinguagem dele, do Glauber, que é pra punir o povo burro, selvagem, essas porra que faz tortura, extermínio, essas porra, o povo é que é essas porra, foi o povo, esses pobres, os mais mal, os que dá mais pena, essas porra mesmo é que são os maus, é que são eu, o povo é que é o George W. Bush, essas porra. Quer dizer, nervoso, o povo é eu, a policia é o povo, o torturador, eu sou o povo da polícia. Sou um marxista revolucionário radical da policia, corrupto, covarde, violento, problemas psicológicos profundos ligados à sexualidade, aquela parada da libido. O meio é a mensagem, a forma é o conteúdo, essas porra. Então, a forma escatológica, sexual, cocô, essas porra, é a mensagem do povo. Isso, essas porra é que é povo, sem forma, todo ensanguentado, aquelas porra amarelada que eu falei, que sai do intestino, essas porra é tão nojento , mas tão nojento, é um negocio tão lá embaixo, no pau, que eu fico rindo aquela risada da policia. Aquela risada da polícia. Mas eu não sei de nada disso, não. A culpa é da sociedade. Eles, você, eu, essas porra, a sociedade civil é que paga o meu revolver que é pra eu proteger ela, a sociedade, contra esses maconheiros, esses que usam drogas, que fumam maconha, ficam doidões e saem por aí matando as pessoas, fazendo coisas proibidas que nós, os completamente burros, temos a obrigação de proteger a sociedade contra essas porra de maconheiros que estão destruindo tudo, gerando a violência e eles precisam ser mortos, pelos direitos humanos, esses direitos humanos que nós, que enfiamos garrafas quebradas na bucetas dessas

vagabundas maconheiras não temos. A gente tem que fazer os direitos humanos é com as próprias mão. Mas eu sei que essas porra não vão acabar nunca, esses maconheiros, mas a gente, os muito burros, vai eliminando os vagabundos que dá. Por isso é que nós, a polícia da sociedade, a lei, de vez em quando, pega um moleque desses, um desses adolescentes maconheiros, que usam drogas, e dá um sumiço neles, fica a noite inteira dando porrada, chutando a cara do maconheiro, enfiando coisas no cu do maconheiro, com o pau duro, e corta o pau do maconheiro e põe na boca dele mesmo, o maconheiro, que morre logo, com o próprio pau na boca e a gente, a polícia, fica rindo, vendo o maconheiro morrer com o pau na própria boca. Quem mandou não obedecer a lei? Aí a gente joga essas porra no mato e a televisão descobre e fica tentando pegar a gente, que é burra, burro, mas que faz a lei. Porque se não tivesse nós, os burros, não teria lei e todo mundo ia ficar fumando maconha e sendo puta e sendo mendigo e não ia ter ninguém pra enfiar umas coisas nos cus deles, esses maconheiros putas mendigos fora da lei. E você sabe: esses maconheiros são tudo de vanguarda, pós-moderno, metalinguagem, livres associações, essas porra. Mas, vou te dizer, uma hora dessas eu vou virar bandido, que é muito melhor, que não precisa ser tão mau que nem a polícia e ainda come umas mulheres melhores, sem precisar amarrar a mulher, nem arrancar o intestino dela pra fora, pelo cu. Mas eu preciso ficar mais inteligente pra deixar de ser burro e virar bandido, pra deixar de ser burro e ser um cara legal, um maconheiro de vanguarda, inteligente, que faz livres associações, metalinguagem, vanguarda, pós-modernismo, essas porra de maconheiros. Mas do jeito que eu dou azar, os caras vão acabar liberando essa porra de maconha e, aí, maconha vai ser uma coisa besta, até careta e aí acabou essas porra de vanguarda. E eu, que sou muito burro, porque eu sou polícia, nunca vou comer uma porra de uma mulher toda limpinha, cheirosa, dessas que usam umas saias todas leves, que têm tatuagem de florzinha no pescoço, que são todas leves lá na praia, com aqueles namorados maconheiros, que fazem surf, que são da novela, que sabem falar inglês, que comem sanduíche natural, que ficam deitadas na grama, com aqueles peitinhos lindos balançando embaixo da camiseta branca, sem sutiã, que são carinhosas com os namorados delas, sempre sorrindo, uma mistura de criança com puta (puta limpinha de classe), Lolita, essas porra de literatura, ninfetas, lindas, que não dá nem coragem de enfiar caco de vidro naquelas bucinhas. Não, eu nunca vou comer uma dessas, por isso é que eu sou da polícia: porque eu sou fedido, porque eu sou burro, porque eu fico com tesão quando eu chuto cara de mendigo, quando eu dou uns tapinhas mais violentos nessas putinhas que tem por aí, cumprindo a lei, que é a polícia. Essa é que é a minha opinião sobre isso tudo que está por aí. Entendeu a metalinguagem, essas porra? Se não entendeu é porque você é polícia, burro, burra. Você é burro, hein!?!?!

AFOGADA

---

Seus pensamentos, crenças, sentimentos, e emoções modificam suas células.  
Modificam seu organismo.  
Modificam sua imagem.  
**O corpo é o espelho da Alma.**

---

*Antes que me julguem,  
eu devo lembrar que vocês não podem,  
vocês não têm condições  
e nem permissões  
pra fazerem isso,  
porque vocês não estão aqui dentro.  
- Ou estão?*

É como um boomerang. As células modificadas exteriorizam-se, e o reflexo dessa nova imagem, volta pro interior, pro consciente, carregando o arrependimento, a culpa, pela má ação, pelo mau pensamento, pelo mau sentimento ou pela incompreensão dos fatos.

“Os olhos são as janelas da Alma.”

O externo é o reflexo de como está dentro, ou o que aconteceu um dia, dentro. As marcas, as características internas e externas, são o reflexo da nossa existência. Das nossas atitudes.

Pessoas amarguradas ficam feias e pessoas feias ficam amarguradas. Até o cabelo fica triste. E só a felicidade, ou a invenção dela, seria capaz de nos restaurar. Tudo parte da Alma. A doença e a cura.

A gente só se dá conta do que foi necessário, depois. Bem depois. E tudo o que é, precisa ser.

A gente fica na memória de pessoas que a gente nem imagina.

E temos memórias de pessoas que nem lembram mais da gente.

Já parou pra pensar nisso?

Que você afetou a vida de outro ser... só que esse outro ser nunca passa pelos seus pensamentos.

Mas a sua imagem tá lá. Na cabeça dessa pessoa antes dela dormir.

Você já foi o primeiro pensamento da manhã de alguém e o último também.

E você nunca vai saber.

E achamos que estamos sós.

Porque o pensamento é fluído mas a boca é amordaçada.

O espelho não é a realidade. É o que você projeta.

Mas a fotografia não mente. É o que é. E mesmo assim ainda depende da luz que incide no momento.

Quanto de real você acha que eu sou agora?

Aliás, sou bonita pra quem?

E eu vou pra onde com isso?

Essa minha nova aparência é o resultado de tudo o que eu guardei.

De todo o vulcão de verdades e vazios que eu nunca pude dizer.

Mas se você consegue ver a Alma, você vai enxergar as belezas de todos os tempos de

uma pessoa. Tá lá, no olho, na íris. Íris é sempre íris. A Alma, o resumo de toda uma vida está lá.

Porque os olhos cansados, são tristes.

Mas observe a íris...

O que eu tenho ainda que eu não percebi?

Você pode me dizer?

O que está fora é o reflexo do que está dentro.

A dor pelo o que aparece fora, precisa existir para não doer mais dentro. É pra te salvar. Porque se doer dentro por muito tempo, você adoecerá. Sucumbirá. Morrerá.

O desequilíbrio nos padrões mentais gera doenças e deformações no corpo. A retenção de líquido está ligada ao abandono, a rejeição, ao medo de usar a intuição. A flacidez repentina é decorrência da fraqueza do espírito. Refere-se a pessoa sem iniciativa pra tocar a vida em frente, falta de vontade. Ressentimentos. Mágoa.

Aonde você está inchado? Aonde você transborda?

## FASCISTA

---

*“Eu precisaria de alguém que me ouvisse.*

*Mas que me ouvisse sentindo cada palavra como um **tiro** ou uma **facada**. Cada palavra e seu significado **sangrento**”.*

---

Eu nunca percebi isso, mas eu sou muito burro. Não parece nem que sou eu que estou pensando isso tudo que eu estou pensando agora. Eu não sei juntar as palavras e fazer com que essas palavras, juntas, ganhem um sentido. Eu não conheço gramática, nem nada dessas coisas de escrever. É que eu sou burro. Sabe por quê? Porque eu sou homem. Macho. Tem que ser burro para ser macho. Nós somos covardes demais. Mas nós não temos culpa. É só trabalho, comida ruim, mulher feia e noite mal dormida. E nós achamos legal sermos honestos. Mas não é honestidade não. É covardia mesmo, medo de tudo, medo da vida, medo da felicidade, medo até de mulher. Mas eu não sei nada disso, porque eu sou falso, eu não existo, eu sou apenas um personagem na primeira pessoa, um personagem muito estranho, que é burro, e é homem. É que o autor desse texto, que sou eu, mas não sou eu, porque eu sou um burro macho, igual a todos os outros burros machos, já que homem é tudo burro e é violento e é corrupto e é covarde, está, ele, o autor, que é legal, fazendo uma experiência. Ele está escrevendo literatura experimental, livres associações, esses recursos, sabe? Vanguarda. Metalinguagem. Essas porra. A única maneira, para nós, que não sabemos o que é clitoris, que não sabemos errar na gramática de propósito, que não sabemos escrever errado para fazer experimentações de estilo, metalinguagem, essas porra, temos para comer uma mulher razoável, é ganhando espaço no mundo, na vida.

É que, a nível de personagem na primeira pessoa, eu estava achando que ia causar um certo efeito começar esse texto dizendo que “eu sou muito burro”. Quer dizer, eu, a nível de si, sou burro sim, mas não é todo homem que é burro. A gente, macho, é muito baixo astral. Estamos perdoados porque não sabemos o que estamos fazendo, e essas porra é que são a parada psicológica e a parada sociológica, essas porra. Nós não sabemos o que estamos fazendo, porque nós somos burro. Mas, tirando a parada da metalinguagem, essas porra, a gente, nós, os macho, burros, faz, fazemos, na prática, na real, é uma parada de gostar mesmo, é uma parada na região genital mesmo, uma parada freudiana mesmo, entre o pau, a libido, e a sacanagem, a maldade, coisa que a gente sente, no pau. O tesão que a gente sente é o tesão da burrice, o tesão da maldade, do poder que só é possível ser sentido por quem é muito fraco, muito burro, muito mau.

Você já enfiou um livro no cu de alguém? Eu já, eu que sou macho e enfiei uma lista telefônica no cu de uma putinha, uma vez. Era menina ainda, uma dessas paraíbas, menor de idade, dessas que chegam aqui no Rio com motorista de caminhão, dessas que não tem carteira de identidade, certidão de nascimento, pai, mãe, infância e, depois de passar pela mão da gente, não tem nem mais cu, só um buraco cheio de sangue e cocô e umas gosmas amareladas, uns negócios meio nojentos que saem de dentro do intestino. O segredo é ir alargando o cu da criança aos poucos. A gente, que é macho, primeiro enfia um pau, pau mesmo, depois uma peixeira, depois, rasga, aí vai enfiando o que tiver à mão. Aí tem uma hora que cabe qualquer negócio, qualquer troço. Mas a gente tem que tomar cuidado na hora de fazer essas porra, porque, se a gente faz essas porra na pessoa errada, aí fodeu. Eu nunca me dei mal, mesmo já tendo enfiado lista telefônica no cu de criança. E nem vou me dar mal que é pra dar exemplo. Mas eu sofro depois, agora, porque eu não sou mais aquele mesmo burro macho. Agora eu sou uma primeira pessoa pós moderna, que não tem dono, que é metalinguagem, que é o fascismo metalinguado dessa porra de autor fascista que leu uma vez o Glauber Rocha dizendo que botava o Antonio das Mortes atirando no povo, que era para expurgar de si, dele, do Glauber, o fascista que também habitava na metalinguagem dele, do Glauber, que é pra punir o povo burro, selvagem, essas porra que faz tortura. Sou um marxista revolucionário radical, macho, corrupto, covarde, violento, problemas psicológicos profundos ligados à sexualidade, aquela parada da libido. O meio é a mensagem, a forma é o conteúdo, essas porra. Então, a forma escatológica, sexual, cocô, essas porra, é a mensagem do homem. Isso, essas porra é que é homem, sem forma, todo ensanguentado, aquelas porra amarelada que eu falei, que sai do intestino, essas porra é tão nojento, mas tão nojento, é um negócio tão lá embaixo, no pau, que eu fico rindo aquela risada de macho. Mas eu não sei de nada disso, não. A culpa é da sociedade.

Mas eu preciso ficar mais inteligente pra deixar de ser burro e ser um cara legal, um maconheiro de vanguarda, inteligente, que faz livres associações, metalinguagem, vanguarda, pós-modernismo, essas porra de maconheiros. E eu, que sou muito burro, porque eu sou macho, porque eu sou fedido, porque eu sou burro, porque eu fico com tesão quando eu chuto cara de mendigo, quando eu dou uns tapinhas mais violentos

nessas putinhas que tem por aí. Essa é que é a minha opinião sobre isso tudo que está por aí. Entendeu a metalinguagem, essas porra?

## MASCARADA

---

Pela intersecção entre as histórias de mulheres vítimas de ataques de ácido na Índia, e a minha própria história com o espelho e a imagem que tenho sobre mim.

Como se amar pra além do espelho?

---

Os ataques ácidos têm um efeito catastrófico na carne humana e nos órgãos vitais. Na maioria desses ataques, são utilizados ácido clorídrico e sulfúrico. Estas substâncias corrosivas causam o derretimento do tecido da pele. O ácido come através de duas camadas da pele - a gordura e o músculo por baixo - e às vezes não só come até o osso, mas pode até dissolver o osso.

Você procura seus reflexos das coisas? Andando pela rua sempre existe algo que te reflete, seja um carro encerado, um vidro extremamente limpo, uma poça suja no asfalto. Estamos sempre à procura de nossos reflexos, um misto de vaidade e preocupação com o jeito que podemos *parecer estar*.

Quando as queimaduras de um ataque ácido se curar, elas formam cicatrizes grossas que puxam a pele muito apertada e podem causar desfiguração. Por exemplo, as pálpebras podem não mais fechar, a boca pode não abrir mais, e o queixo fica soldado ao peito.

Aceita chá?

Fica, por favor. Não pense mal de mim, não é por má educação. Fico mais confortável assim, (de costas) tudo bem? (Pausa). Aceita chá? Por um tempo não pude beber chá. A minha bebida favorita. Imagina só! Foram 16 meses.... Mas agora já posso tomar pequenos goles. (Pausa). Faz um tempo que não vou lá fora (movimento de olhar por uma janela). O sol não é amigo nesse momento, mas eu lembro que de manhã eu gostava de fechar os olhos e sentir o calor no rosto.... Calor no rosto. Não... desculpe, mas agora acho que nenhuma sensação no mundo pode ser melhor que a água fresca no rosto. Eu ainda tenho alguma sensibilidade na testa então molho os dedos e passo por ela, fria, uma delícia. Experimente de olhos fechados quando puder. A água não tem medo do meu rosto, me abraça e alivia, sinto uma felicidade sem tamanho com a água.

Ah desculpe, às vezes eu emendo um assunto no outro. Mas fica por favor, não recebo mais tantas visitas.

O que aconteceu comigo? (Pausa). Um ato... foram 10? Talvez 15 segundos no máximo.

Eu nasci com um pequeno sinal acima da boca do lado direito do meu rosto. Um ponto final colocado perto da minha boca, da minha fala e que me acompanha até hoje. Um sinal é um ponto de interesse em um rosto, um ponto de atenção, atenção que eu não pedi, que eu não queria. Foi o primeiro traço do meu rosto que me trouxe a noção de identidade naquela menina que ficava hipnotizada pela sua normalidade diante do espelho. Aquela seria a minha diferença no mundo dos rostos.

Uma última olhada no espelho antes de sair de casa, um beijo, um encostar de lábios com a superfície fria se nos sentimos lindas, uma falsa, mas tão real sensação de amor por nós mesmos. É muito fácil se odiar pela imagem, mas o contrário é uma das coisas mais difíceis de se conseguir.

Eu já não sou mais a mesma, nem por fora nem por dentro. Quando percebi que não tinha mais uma imagem de antes para me apegar, descobri que poderia ser o espelho do mundo. Quando é o seu rosto você não pode cobrir o tempo todo. Minha casca, meu corpo, protegeu aquilo que é mais importante. Somos percíveis, isso não é nenhuma novidade. E eu continuo aqui. Só é real o que permanece.

---

## Conclusão

Quais são os espelhos de nós que são quebrados pelo medo de se ver?

Muitos.

Muitos espelhos são quebrados ao longo dessa vida. Muitas relações desfeitas, muitos desafios evitados. E não foi diferente com Cuidado, Espelho.

Não foi diferente com o ator, com as atrizes, com a assistente, nem comigo.

Muito precisou ser visto, muito se precisou dar a ver. O espelho ele é uma ferramenta mágica. Mas às vezes precisa ser quebrado para depois, ser recomposto. O tempo é uma outra ferramenta importante nos processos de criação. Ele proporciona a decantação. Do pensamento, da experiência, da memória e principalmente, da ansiedade.

Um processo de criação é um lugar que mexe com muitos espaços desconhecidos da nossa mente, da nossa consciência, da nossa inconsciência, dos campos energéticos, dos campos relacionais, significados, significantes, perceptos, afectos, afetos, imagens, palavras, conceitos, símbolos, signos.

E assim foi. Nosso processo foi sendo guiado pela nossa intuição, nosso desejo artístico de ir além do que é imposto, do que tem que ser, do racional. Acredito que estamos numa era de grande evolução de outras partes do cérebro e da capacidade humana. Explorando para além do método científico. Criando outras formas de pesquisar, de estudar, de destrinchar. Vivemos em e somos um universo. São muitas as possibilidades. Por isso que acredito que buscar aquilo que realmente nos afeta, nos move, nos instiga e nos emociona é que possibilita a nossa mudança, a nossa evolução, revelações.



Aqui, como pesquisadora e diretora, saio muito feliz. Feliz de ter conseguido dar uma forma para as minhas questões, dúvidas e inquietações de mente curiosa. Feliz de ter canalizado tudo isso em arte. De ter tocado algumas pessoas. E de perceber como a ferramenta do teatro, dos jogos, das trocas, dos personagens é uma grande ferramenta para estudarmos o ser humano e seus comportamentos. Não só representar e entreter. Mas de fato nos conhecermos através do teatro. Buscamos esse espaço diferenciado, onde a matéria parece que densifica e todos os sonhos são possíveis. Acredito e seguirei na pesquisa da imagem, do ego, da concepção de nós mesmxxs. Buscando quem eu sou. Pois eu me exponho, para que você possa se ver em mim. Cuidado, Espelho.

---

## **Ficha Técnica**

Direção: Mari Mugnaini

Ass. Direção: Marília Gurgel.

Atuação: Adriana Belonga, Camila Scorcelli, Davi Palmeira.

Orientação: Livia Flores e Gabriela Lírio.

Instalação Interativa: Sinestesia Mutante.

Artistas convidados: Antônio Salviano, Giuliana Libar, Thaís Lage, Bia Salomão, Vinicius Rodrigues.

Figurino e Cenografia: Equipe.

Avaliação Final: Eleonora Fabião, Sônia Salcedo e Márcio Libar.

---

## **Referências Bibliográficas.**

BABA, Sri Prem “Amar e Ser Livre: As bases para uma nova sociedade. ”, Editora Casa dos Livros, Rio de Janeiro, 2015.

BARTHES, Roland “Roland Barthes por Roland Barthes”, Editora Estação Liberdade, Rio de Janeiro, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Ed. 34, São Paulo, 2010.

FABIÃO, Eleonora. “Corpo Cênico, Estado Cênico.” in Revista Contrapontos, Itajaí, SC., v. 10, n. 3, p. 321-326, set. 2010. ISSN 1984-7114. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/2256/1721>

GUATARRI, Felix e ROLNIK, Suely. “Micropolítica: Cartografia do Desejo.” Editora Vozes. Rio de Janeiro, 2000.

JUNIOR, Norval Baitello “Violência e Mal Estar na Sociedade” [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88391999000300011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000300011)

NOVAES, Sylvia Caiuby “Jogo de Espelhos” Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.

PINTO, Regina Célia. O Movimento Neoconcreto (1959-1961) <http://arteonline.arq.br/museu/ensaios/ensaiosantigos/neoconcreto.htm>

ROLNIK, Suely “Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo”, Editora Estação Liberdade, São Paulo, 1989.

## Referências

Dove – Sketches of Beauty (vídeo)

<https://www.youtube.com/watch?v=Il0nz0LHbcM>

Shots of Awe – How we see ourselves through the eyes of others (vídeo)

<https://www.youtube.com/watch?v=mykdIUyLPD4>

People reacting of being called beautiful (vídeo)

<https://www.youtube.com/watch?v=aW8BDgLpZkI>

[https://www.youtube.com/watch?v=gW8wV\\_qaaQc](https://www.youtube.com/watch?v=gW8wV_qaaQc)

<https://www.youtube.com/watch?v=Jpj3lcWt8U0>

Human – The movie (documentário)

<https://www.youtube.com/channel/UC4mGRD3WLYVVc4JI5LrXxUw>

Happy (documentário)

<https://vimeo.com/11335940>

Inn Saei (documentário)

[https://www.youtube.com/watch?v=fBQZxNZv\\_\\_U](https://www.youtube.com/watch?v=fBQZxNZv__U)

The Space in Between – Marina Abramovic (documentário)

<https://www.youtube.com/watch?v=Qor1zzj-WtA>

Jogo de Cena - Eduardo Coutinho (documentário)

<https://www.youtube.com/watch?v=RUasyqVhOuw>

Máquina de Devir – Maria Lynch (exposição)

<http://www.artrio.art.br/pt-br/noticias/exposicao-interativa-maquina-devir-de-maria-lynch>

Razão Inadequada – (site de filosofia).

<https://razaoinadequada.com/>